

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**BRUNA FREIRE DA SILVA
MARIA JOSÉ FERREIRA DE LIMA**

**CONTRIBUIÇÕES DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NO
PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE UM ALUNO COM DEFICIÊNCIA
INTELLECTUAL**

**João Pessoa – PB
2018**

**BRUNA FREIRE DA SILVA
MARIA JOSÉ FERREIRA DE LIMA**

**CONTRIBUIÇÕES DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NO
PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE UM ALUNO COM DEFICIÊNCIA
INTELLECTUAL**

**Trabalho de Conclusão do Curso de
Licenciatura em Pedagogia do Centro de
Educação, da Universidade Federal da
Paraíba, apresentado como requisito
parcial para a obtenção do grau de
Licenciatura em Pedagogia.**

Orientadora: Prof^a Esp. Isolda Ayres Viana Ramos

**João Pessoa- PB
2018**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586c Silva, Bruna Freire da.

Contribuições do Atendimento Educacional Especializado
no Processo de Ensino e Aprendizagem de um aluno com
Deficiência Intelectual / Bruna Freire da Silva. - João
Pessoa, 2018.

57 f.

Orientação: Isolda Ramos.

Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Deficiência Intelectual, AEE, Salas multifuncionais.
I. Ramos, Isolda. II. Título.

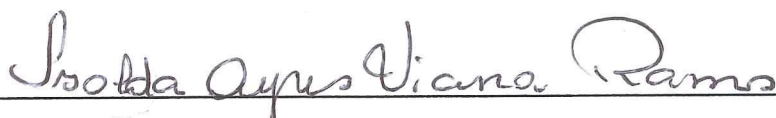
UFPB/BC

BRUNA FREIRE DA SILVA
MARIA JOSÉ FERREIRA DE LIMA

**CONTRIBUIÇÕES DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NO
PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE UM ALUNO COM DEFICIÊNCIA
INTELLECTUAL**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Licenciatura em Pedagogia do Centro de
Educação, da Universidade Federal da
Paraíba, apresentado como requisito parcial
para a obtenção do grau de Licenciatura em
Pedagogia.

Banca Examinadora



Prof. Esp. Isolda Ayres Viana Ramos - Orientador



Prof.ª Dr.ª Marcia Rique Caricio- Examinadora



Prof. Dr. Fábio do Nascimento Fonseca - Examinador

João Pessoa-PB

2018

Dedicamos este trabalho a Deus acima de tudo que sempre esteve conosco nos dando forças nessa maratona de desafios encontrados ao longo do trabalho de conclusão de curso, aos nossos familiares pelo incentivo e confiança, sempre acreditando que poderíamos chegar longe, agradecemos aos nossos professores pelo aprendizado obtido durante as aulas ministradas.

A nossa orientadora Professora Isolda Ayres Viana Ramos, que esteve a disposição em nos ajudar nas dificuldades ao longo do trabalho, o apoio dela foi a chave para a conclusão do trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me ajudou em toda a trajetória acadêmica e a fé foi essencial para acreditar que Ele estava comigo me dando forças em todos os momentos. Aos meus familiares, minha Tia Ionar Carvalho que me ajudou na escolha do curso, a meu Tio Evandro Freire pelo apoio nos momentos difíceis da minha vida.

Em especial ao meu Esposo com toda paciência e carinho ao incentivar-me a continuar meus estudos, me orientando a cada dificuldade pelo caminho e me dando forças a não desistir.

A colaboração das minhas amigas, Maria José e Sâmela Lídia, foram de grande importância em meus estudos, pois nossa união e respeito nos proporcionou momentos agradáveis.

Aos professores por toda a dedicação ao colaborar com meu aprendizado, e acreditar que podemos fazer diferente sendo profissionais competentes e que podemos transformar vidas através do aprendizado.

A orientadora Isolda Ayres Viana Ramos, que esteve disponível a todo o momento em ajudar, foi muito importante no processo de construção do trabalho acadêmico.

Sou grata pela experiência obtida no Estágio Supervisionado, onde a professora Marta pode me proporcionar ricos momentos de aprendizado na escola onde foi feita a pesquisa na nossa área de aprofundamento, agradeço pela sua dedicação e seu amor em ensinar as crianças com deficiências.

MUITO OBRIGADO A TODOS!!

BRUNA FREIRE DA SILVA

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por tudo que Ele nos tem feito pelos momentos vivenciados em minha vida acadêmica. Foram momentos difíceis, mas Deus estava sempre me ajudando a superar os obstáculos que surgiam.

De uma maneira especial, agradeço a meus pais, por toda educação, carinho, amor, atenção, e por nos ajudar e nos incentivar durante o decorrer do curso onde tivemos momentos de falta o financeiro e eles com lágrimas nos olhos com o coração apertado por não poder ajudar mesmo assim fazia de tudo para contribuir para pudéssemos continuar os estudos e também nos incentivava e demonstrava que confiavam em nosso potencial.

Meus agradecimentos ao meu esposo pelo apoio, pela paciência, por me mostrar que estou no caminho certo e por se manter firme ao meu lado nessa importante fase de minha vida.

A todos que de perto ou longe me auxiliou de alguma maneira.

Agradeço principalmente a nossa orientadora, Isolda Ayres Viana Ramos, que foi de suma importância para a realização deste trabalho.

Aos professores que estiveram presentes durante o meu processo de formação que com pelo empenho me auxiliou e ajudou a me tornar uma boa profissional, agindo com amor e dedicação a profissão escolhida.

Agradecemos a todos que colaboraram para que eu chegasse até aqui.

Para finalizar agradeço à todos os membros de nossa Banca Examinadora por terem aceitado o nosso convite.

MUITO OBRIGADO A TODOS VOCÊS.

MARIA JOSÉ FERREIRA DE LIMA

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso com o título de “ Contribuições do Atendimento Educacional Especializado no Processo de Ensino e Aprendizagem de um aluno com Deficiência Intelectual” ,teve como objetivo analisar o desenvolvimento de um aluno com Deficiência Intelectual diante de sua vida escolar no ensino fundamental com a colaboração dos equipamentos e a professora da sala de Recursos multifuncionais para seu processo de ensino e aprendizagem, pois compreendemos que a sala proporciona um melhor acompanhamento para o aluno com Deficiência intelectual através da professora especialista na área e responsável em adaptar as atividades para o aluno com deficiência. A pesquisa foi realizada em uma escola de rede pública da cidade de João Pessoa. Para o melhor entendimento do tema, foram levantados materiais bibliográficos e digitais para estudo, metodologia qualitativa e de investigação. Os dados foram levantados a partir de aplicação de um questionário com a professora da sala regular e da sala de recursos multifuncionais, além da observação do que se passava em ambas as salas, pois torna-se importante compreender a vivência do aluno com deficiência intelectual, através dos dados coletados, e dos resultados obtidos através dos questionários onde pudemos aprender com mais precisão e assim concluir a nossa pesquisa.

Palavras – chave: Deficiência Intelectual. Atendimento Educacional Especializado. Salas Multifuncionais.

ABSTRAT

This dissertation, entitled "Contributions of Specialized Educational Assistance in the Teaching and Learning Process of a Student with Intellectual Disabilities", aimed to analyze the development of a student with Intellectual Disability in front of his school life in elementary education with the collaboration of the equipments and the teacher of the room of Multifunctional Resources for its process of teaching and learning, since we understand that the room provides a better accompaniment for the student with Intellectual Disability through the specialist teacher in the area and responsible for adapting the activities for the students with disabilities. The research was carried out at a public network school in the city of João Pessoa. For the best understanding of the subject, bibliographic and digital materials were collected for study, qualitative and research methodology. The data were collected from the application of a questionnaire with the teacher of the regular classroom and the room of multifunctional resources, besides the observation of what was happening in both rooms, because it becomes important to understand the experience of the student with intellectual disability, through the data collected, and the results obtained through the questionnaires where we could learn more accurately and thus complete our research.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 PROCESSO DE APRENDIZAGEM.....	12
2.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	14
2.2 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR.....	18
2.3 A CONTRIBUIÇÃO DE VIGOTSKY PARA A EDUCAÇÃO.....	20
2.4 O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO.....	24
2.5 ALGUNS ASPECTOS DA DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	26
2.5.1 Causas da Deficiência intelectual.....	29
2.5.2 Tipos de Deficiência Intelectual.....	30
2.5.3 Níveis da Deficiência intelectual.....	31
2.6 PROCESSO PEDAGÓGICO PARA O ALUNO COM DI.....	32
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	42
3.1 LOCAL DA PESQUISA.....	43
3.2 SUJEITO DA PESQUISA.....	43
3.3 INSTRUMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS.....	44
3.4 RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICE A.....	56
APÊNDICE B.....	57

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de curso com o tema “ Contribuições do Atendimento Educacional Especializado no Processo de Ensino e Aprendizado de um Aluno com Deficiência Intelectual “, teve como objetivo analisar o desenvolvimento de um aluno com Deficiência Intelectual (DI) diante de sua vida escolar no ensino fundamental, com ênfase no Atendimento Educacional Especializado (AEE). A DI é um termo mais atual que se dá a pessoa que apresenta dificuldade na aprendizagem e necessita de acompanhamento para estímulo de suas ações cognitivas. As limitações que acompanham as pessoas com DI não é algo que atrapalhe sua comunicação, estudo e vida social, assim bem como o seu processo de inserção no mercado de trabalho passando a ter uma vida comum apesar de seu desenvolvimento intelectual mais lento do que é considerado como uma pessoa dita normal. O acompanhamento de sua vida escolar pelo AEE possibilita uma maior autonomia para que os alunos com DI possam ser protagonistas de seu próprio destino.

A educação foi sempre uma área que nos chamou bastante atenção, pois víamos que estudar era algo muito difícil os em séculos passados e que também muitos não tinham a chance de estudar por falta de dinheiro, muitas vezes essa dificuldade era para se deslocar para as escolas que eram bastante distantes e até mesmo a falta de apoio pela família que não entendia o valor dos estudos. Muitas famílias tinham vários filhos, a educação era mais liberada para os meninos, eles podiam aprender a ler e escrever, já as meninas em algumas ocasiões não podiam ter acesso a leitura e escrita para não arrumarem namorados por meio de cartas.

Ao longo dos anos esse preconceito em não deixar a educação ser igual tanto para homens como mulheres foi derrubado, pois todos têm direito a educação independentemente de sexo, raça ou religião. Desde pequenas ouvíamos nossos pais falarem o quanto era difícil ir à escola enquanto crianças e adolescentes. Nos dias atuais a educação é oferecida de forma gratuita para todos e de forma facilitada.

A escolha pelo nosso Curso se deu pela curiosidade de estudar sobre os fenômenos educativos e entender como acontece essa educação ao longo dos séculos. Pudemos ouvir nossos avôs e pais contanto da dificuldade que era estudar, mas eles não mediam esforços, muitas vezes caminhavam por horas até chegar nas escolas debaixo de sol quente e muitas vezes sem alimentação. Ouvíamos sempre nossos pais dizendo “dê valor aos estudos porque isso é muito importante para vocês

serem alguém na vida e conseguir um bom emprego e ocupar um lugar melhor na sociedade.

Já a escolha do tema desde trabalho, foi por acompanhar, ao longo do Curso, as disciplinas sobre educação especial e os estágios nessa área que podemos observar a complexidade que é a educação de pessoas que necessitam de um atendimento especializado. No decorrer do Curso aprendemos a ver que muitas pessoas ainda sofrem com o preconceito por ter uma deficiência e como é difícil suas vidas por terem vergonha ou medo de expor para a sociedade, as suas diferenças.

Deficiência é qualquer tipo de perda ou anormalidade que limite as funções físicas, sensoriais ou intelectuais de uma pessoa. Conhecendo um pouco sobre as deficiências no decorrer das disciplinas cursadas, tivemos acesso aos meios de como é possível melhorar a vida dessas pessoas, e que elas têm direito a uma educação de qualidade que esteja de acordo com suas limitações, no caso das psíquicas e também das físicas. Nasceu então, dentro de nós, uma curiosidade de entender mais sobre a DI e por isso decidimos além das aulas e textos estudados sobre o assunto, também ver na prática como acontece a educação de quem é deficiente, a partir dessa curiosidade e estudando sobre o assunto em aula e nos estágios, decidimos fazer o nosso Trabalho de Conclusão de Curso focando nesse tema que é bem interessante e há vários estudos sobre o assunto.

Os estudos desenvolvidos durante nossa vida acadêmica nos fizeram enxergar além de nossas vidas e se colocar no lugar do aluno que sofre desde seu nascimento com tanta discriminação por ter nascido de uma forma vista diferente pela sociedade, principalmente quando se inicia a vida escolar que é mais conceptível, a diferença na aprendizagem de quem tem DI. A vontade de se aprofundar nesse universo e aprender a lidar com esses alunos, e a motivação foi fundamental para que pudéssemos avançar com nosso trabalho.

Para a nossa compreensão de como acontece o ensino e aprendizagens do aluno com DI no ensino fundamental, foram feitas algumas observações das aulas na sala do AEE e levantamento de dados com as professoras da sala regular e da sala de recursos multifuncionais, bem como também estudamos sobre o título abordado durante o trabalho. Através desse estudo, compreendemos através da teoria e da prática se realmente o aluno que tem suas limitações na rede pública é realmente atendido e inserido no meio dos alunos ditos normais e se o seu direito a uma

educação de qualidade está sendo colocado em prática juntamente com todo corpo docente que é participante desse processo contínuo na vida dele.

A pesquisa é de caráter qualitativo e exploratória, sendo coletados dados sobre o objeto de estudo, a DI. Para o melhor entendimento do tema, foi levantado material bibliográfico e digital para estudo, para a compreensão e para análise desses dados que foram coletados através da aplicação de um questionário e a observação. Estudamos teóricos que falam a respeito do tema, para uma base mais sólida, como Piaget, Vygotsky. Vimos as leis que defendem as pessoas com DI e asseguram os seus direitos como a Declaração de Salamanca, (1994), LDB (9394/96).

Este trabalho foi subdividido em quatro tópicos, onde o primeiro traz a introdução; o segundo apresenta o processo de ensino e aprendizagem subdividido nas Leis e órgãos que defendem a educação inclusiva; A formação do professor; Teorias de Vygotsky e sua contribuição para a educação; Definições do Atendimento Educacional Especializado (AEE); Breve apresentação da Deficiência Intelectual; e o Processo Pedagógico para o aluno com DI; o terceiro destaca os Aspectos metodológicos subdividido no Local da Pesquisa; Sujeito da Pesquisa; Instrumento de análise de dados; Resultado e análise de dados; O quarto nos traz as considerações finais; as Referências e Apêndices.

2 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

O processo de ensino e aprendizagem de uma criança ocorre em sua fase inicial de nascimento onde a criança começa a interagir com o universo ao seu redor, e a construção de seu conhecimento acontece sozinho ou em conjunto, essa interação permite que a criança construa significado em suas estruturas cognitivas.

Segundo Piaget, o conhecimento não pode ser concebido como algo predeterminado desde o nascimento (inatismo), nem como resultado do simples registro de percepções e informações (empirismo): o conhecimento resulta das ações e interações do sujeito no ambiente em que vive. Todo conhecimento é uma construção que vai sendo elaborada desde a infância, por meio de interações do sujeito com os objetos que procura conhecer, sejam eles do mundo físico ou do mundo cultural. O conhecimento resulta de uma inter-relação do sujeito que conhece com objeto a ser conhecido. (MOREIRA, 1999, p.75).

A criança interagindo com o mundo ao seu redor, vai desenvolvendo seu conhecimento seja por meio do convívio social ou com o objeto apresentado. Há uma grande importância possibilitar isso desde o seu nascimento, pois assim o sistema cognitivo da criança vai captando as informações fazendo com que quando a mesma lidar com situações, conseguirá resolvê-las.

Os estágios do desenvolvimento cognitivo vão permitir entender as várias fases do momento da evolução da criança saindo de um estado de total desconhecimento do mundo ao seu redor até a capacidade de ultrapassar os limites do que é imposto, os estágios são eles: Sensório-motor; Pré-operatório; Operatório concreto; Operatório formal.

O estágio Sensório-motor vai de 0 a 24 meses. Nesse período o fator da inteligência ainda não está formado, está em progressos e a criança aprenderá a explorar seu corpo, sentindo emoções, estimulada no ambiente social e assim a criança vai desenvolvendo seu auto conceito, compreendendo o universo ao seu redor e principalmente formando a noção do eu, através desse exercício de exploração a criança alcançará o componente dos sensoriais motores.

O estágio Pré-operatório vai de 2 a 7 anos. Nesse estágio a criança inicia a sua capacidade de representação compreendendo uma coisa pela outra formando esquema simbólico, no momento em que a criança se depara com dois objetos a mesma continua egocêntrica por falta de esquemas conceituais e de lógica, portando a criança mistura a fantasia e a realidade confundindo entre objetos e pessoas, sem

conseguir distinguir e assim desenvolvendo noções dos objetos que utilizará na próxima fase.

O estágio Operatório concreto vai de 7 a 12 anos. É nessa fase em que o desenvolve o pensamento lógico compreendendo pela razão a resolver, a criança passa a entender o sentido real de objetos e situações da realidade, onde a mesma passa a pensar antes de agir conseguindo resolver mentalmente um problema rapidamente.

E o estágio Operatório formal vai de 12 anos em diante. A criança passa a usar a imaginação e o pensamento formal passando a substituir hipóteses e deduções, onde o pensamento assume o caráter hipotético dedutivo. Esse estágio é a fase dos pré-adolescentes e adolescentes.

No processo de desenvolvimento Piaget diz que, quando a pessoa entra em contato com o novo conhecimento, há em certo momento o desequilíbrio e surge a necessidade de voltar ao equilíbrio, começando com a assimilação do novo elemento apresentado à criança com organização das estruturas através da interação ocorrendo a mudança do sujeito dando início ao processo de acomodação. Para melhor compreender cada um processo de desenvolvimento, Piaget chama de esquemas as estruturas que se usa para interpretar e organizar as informações recebidas. É nesse processo que as estruturas cognitivas da criança vão conseguir organizar suas ideias, podendo ocorrer modificações ao longo da proposta imposta sobre ela. Esse sistema é ligado ao sistema nervoso. Os esquemas são produzidos pelos processos de assimilação e acomodação. No primeiro, experimentam-se coisas novas por meio de um objeto ou um acontecimento e já consegue entender a sua função e solucionar problemas, tornando frequente suas atividades. No segundo, a criança já consegue compreender que pode modificar o objeto e criar um novo e persiste na modificação das estruturas mentais. Quando a criança enfrenta todas ou quase todas as novas experiências usando apenas *assimilação*, falamos de uma fase de equilíbrio da mesma. Mas quando os sistemas existentes não são suficientes para lidar com a situação, se produz um desequilíbrio. Isso se chama desequilíbrio, esse processo é de grande importância pois sai de um processo de menos equilíbrio para um de maior, onde a criança vai esperar que uma determinada situação ocorra como ela almeja.

Esse processo de desenvolvimento consiste em compreender cada etapa do sistema cognitivo da criança, destacando a importância deles no processo de ensino e aprendizagem, onde são analisadas as diferentes etapas desse comportamento.

O processo de ensino e aprendizagem começa em sua fase inicial, que é a partir do sistema cognitivo ou mental, onde assim encontramos as fases iniciais e em seguida, o desenvolvimento humano que a prática vai ser de grande importância para esse processo, podendo surgir durante essas etapas obstáculos que a criança poderá passar por eles dependendo de seu desempenho, então o conhecimento da criança vai surgindo de uma forma espontânea, com a visão que a mesma vai ter no mundo ao seu redor.

2.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A educação é um direito de todos assim como defende a como enfatiza a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Foi a partir da Declaração da Salamanca de 1994 que começou a ser reafirmado o compromisso em prol da educação para todos em escolas regulares. Sendo que estas devem garantir a qualidade do atendimento prestado, ou seja, buscar educar todas as crianças independentes das diferenças.

Essa Declaração propõe que “as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas devem se adequar [...]”, pois tais escolas “constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos” (UNESCO, 1994, p. 8-9) ”.

Vários documentos asseguram o atendimento para alunos com necessidades educacionais especiais, dentre eles estão:

- O Estatuto da Criança e do Adolescente e outros.
- A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96),
- As Diretrizes para Educação Especial.

A criança e adolescente têm direitos, assegurados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O Eca é um documento formado por leis que garantem os direitos das crianças e dos adolescentes no Brasil.

O ECA foi criado através da lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, com base nas

diretrizes previstas na Constituição Federal de 1988 e nas normativas internacionais Proposta pela Organização das Nações Unidas (ONU).

O Estatuto da Criança e do Adolescente serve como um mecanismo de proteção das crianças (até os 12 anos de idade) e adolescentes (entre 12 e 18 anos), delimitando direitos e deveres. O ECA busca contemplar suas necessidades, com o objetivo de diminuir a exclusão social e o preconceito.

Do direito à vida e a saúde propõem o Art.11:

§1º A criança e o adolescente portadores de deficiência receberão atendimento especializado.

§2º Incumbe ao poder público fornecer gratuitamente àqueles que necessitarem os medicamentos, próteses e outros recursos relativos a tratamento, habilitação e reabilitação.

Do direito à Educação

Art. 54. É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente:

III – atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.

Do direito à Profissionalização e a proteção no trabalho

Art. 66. Ao adolescente portador de deficiência é assegurado trabalho protegido.

Art.112. Das Medidas Socioeducativas

§3º Os adolescentes portadores de doença ou deficiência mental receberão tratamento individual especializado, em local adequado às suas condições.

A função de leis e decretos é a de indicar rumos e incentivar a criação de políticas públicas que, no caso de crianças com deficiência, combatam a notória invisibilidade e exclusão social às quais elas ainda são submetidas.

Seu papel é justamente conscientizar os responsáveis pela criança com deficiência sobre os direitos que ela tem, como reivindicá-los e quais deveres eles precisam assumir para que a criança possa se desenvolver da melhor maneira possível.

O ECA é um documento criado para dar mais força para que crianças e adolescentes tenham seus direitos e deveres assegurados trazendo também uma maior proteção a estas pessoas mostrando que independente de raça, classe financeira, religião ou sexo eles tenham os seus direitos defendidos e colocados em prática todos os dias trazendo assim uma vida mais digna e livre de preconceitos e uma maior exclusão da sociedade.

O Artigo 58, da LDB (9394/96) deixa bem esclarecido que os portadores de necessidades educacionais especiais podem sempre ter acesso à rede regular de ensino, promovendo assim que exista de serviços especializados para que se entenda cada especialidade de cada aluno da mesma. Porém as condições reais das escolas ainda deixam muito a desejar quando se fala nesses atendimentos a população com algum tipo de deficiência, vindo a existir na maior parte do tempo somente no papel onde foi decretado à lei.

As lutas e conquistas ao longo dos anos pela LDB trouxeram melhorias para o ensino como: o ensino público e igualitário a todos, liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; que ter uma formação para atuar entre outros pontos que são defendidos pela LDB. Com isso também é possível ver que existe a Inclusão que cada vez mais vem conseguindo espaço dentro da escola, vem sendo debatida e estudada. Mas para que essa inclusão ganhe mais força e realmente esteja fixa dentro do ambiente escolar é preciso agir, pois se nada for feito como ter a tão falada inclusão. Cabe a todo corpo escolar possibilitar o possível para que haja realmente a inclusão desses alunos e que sejam aceitos, almejando o desenvolvimento destes a partir de suas capacidades.

Contudo, sabemos que a LDB trouxe muitas lutas e vitórias apesar de não funcionar perfeitamente como está em lei, existe a Inclusão que cada vez mais vem conseguindo espaço dentro da escola, vem sendo debatida e estudada. Mas para que essa inclusão ganhe mais força e realmente esteja fixa dentro do ambiente escolar é preciso agir, pois se nada for feito como ter a tão falada inclusão. Cabe a todo corpo escolar possibilitar o possível para que haja realmente a inclusão desses alunos e que sejam aceitos, almejando o desenvolvimento destes a partir de suas capacidades.

Ainda Yus (2002, p. 34), vem ressaltar a importância da inclusão baseando-se fundamentalmente a educação inclusiva e a valorização da diversidade e do ser humano, com essa base a ideia de que todas as crianças precisam ser e nascer normais para poder contribuir com a sociedade que quebre as diferenças respeitadas. O direito do ser humano que é ser incluído na escola e na sociedade desde criança deve ser respeitado. Nos dias atuais esse direito vem sendo cada vez mais presente trazendo a quem tem alguma deficiência a liberdade de poder ter um futuro melhor do que nos anos passados onde quem tinha alguma deficiência não podia ter contato direto com a sociedade e sequer tinha como opção de vida os estudos, muitos eram

julgados pela sociedade dos anos passados como uma pessoa amaldiçoada e alvo de um castigo dado por Deus.

A educação inclusiva tem como sua função principal a eliminação de qualquer barreira que esteja impedindo crianças, jovens e adultos de poder mostrar suas diferenças e que elas sejam enxergadas como forma de trabalho para o estudo das desigualdades educativas e a conscientização do direito de todos à educação de qualidade, independente se há pessoas que são vistas como diferentes ou não dentro da escola é necessário que mostrar que a educação inclusiva está aí para mostrar que apesar das diferenças todos são iguais nos direitos .

Para que o aluno com DI tenha sucesso em sua vida escolar é preciso se utilizar de vários recursos tecnológicos que explore a ludicidade e aproxime a vida da escola, tornando a possibilidade dela ser um lugar de conquistas, mas para isso é importante ter em seu meio a afetividade entre as relações.

Tendo como eixo norteador a Declaração de Salamanca de 1994 a mesma acentua que:

O Princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade à todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades. Na verdade, deveria existir uma continuidade de serviços e apoio proporcional ao contínuo de necessidades especiais encontradas dentro da escola.

A declaração de Salamanca por meio desta citação vem nos falar que é importante que todos aprendam juntos por que ninguém aprende sem o outro. Estamos a todo tempo rodeados de pessoas e com elas aprendemos a todo o momento e para as pessoas com necessidades especiais o contato com quem não apresenta uma limitação é de grande importância para que as diferenças venham se quebradas e aceitas por todos fazendo com que todos sejam vistos de uma forma igualitária onde todos são capazes de aprender. Mas para isso é necessária uma mobilização do ambiente escolar e dos currículos apresentados pela mesma que traga uma inclusão onde os direitos a uma educação de qualidade sejam garantidos a todos de onde ninguém saia prejudicado enquanto ser humano e aluno.

Contudo, vale ressaltar, que com educação inclusiva, a mediação adquire um caráter de grande importância, uma vez que abrange três questões imprescindíveis

ao processo de aquisição do conhecimento. “Os signos passam a ser compartilhados pelos membros do grupo social, permitindo a comunicação entre os indivíduos e a interação social” (VYGOTSKY, 1984, p.102). De acordo com um artigo da Revista Nova Escola, a capacidade de argumentação dos alunos que possuem DI pode ser afetada e precisa ser devidamente estimulada para facilitar o processo de inclusão e fazer com que a pessoa adquira independência em suas relações com o mundo. As causas são variadas e complexas, sendo a genética a mais comum, assim como as complicações perinatais, a má formação fetal ou problemas durante a gravidez.

A desnutrição severa e o envenenamento por metais pesados durante a infância também podem acarretar problemas graves para o desenvolvimento intelectual. No entanto, cabe aos profissionais da educação estão preparados, capacitados para que haja um atendimento significativo para o aluno com DI.

2.2 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

De acordo com as Diretrizes da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica (2008) propõem que, para atuação no AEE, o professor deve ter formação inicial que o habilite para o exercício da docência e formação específica na educação especial, inicial ou continuada. São atribuições do professor do AEE:

- Identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias considerando as necessidades específicas dos alunos público-alvo da educação especial;
- Elaborar e executar plano de atendimento educacional especializado, avaliando a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade;
- Organizar o tipo e o número de atendimentos aos alunos na sala de recursos multifuncional;
- Acompanhar a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade na sala de aula comum do ensino regular, bem como em outros ambientes da escola;
- Estabelecer parcerias com as áreas Inter setoriais na elaboração de estratégias e na disponibilização de recursos de acessibilidade;

- Orientar professores e famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade utilizados pelo aluno;
- Ensinar e usar recursos de Tecnologia Assistida, tais como: as tecnologias da informação e comunicação, a comunicação alternativa e aumentativa, a informática acessível, o soroban, os recursos ópticos e não ópticos, os softwares específicos, os códigos e linguagens, as atividades de orientação e mobilidade entre outros; de forma a ampliar habilidades funcionais dos alunos, promovendo autonomia, atividade e participação.
- Estabelecer articulação com os professores da sala de aula comum, visando a disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares.
- Promover atividades e espaços de participação da família e a interface com os serviços setoriais da saúde, da assistência social, entre outros.

De acordo com o Ministério da Educação o professor para atuar na Educação Especial deve ser capacitado para garantir a todos os seus alunos um atendimento diferenciado trazendo a eles uma nova perspectiva de vida onde as suas limitações não sejam enxergadas como barreiras para o aprendizado. Ele precisa ser capacitado para trabalhar no ambiente escolar de com vários métodos de ensino. É preciso que o professor esteja atento as mudanças com as tecnologias onde existem vários aparelhos para ajudar as pessoas com necessidades educacionais especiais. Saber conectar o mundo escolar do aluno com a sociedade e a família é de suma importância para o desenvolvimento deste alunado.

Carvalho (2007) enfatiza sobre a formação docente:

Devemos nos questionar se estamos realmente preparados para o desempenho de nossos papéis político – pedagógicos em relação a qualquer aluno? Criticar nossos cursos de formação e contatar as inúmeras lacunas existentes tem sido um lugar comum que, infelizmente, mais nos tem mobilizado e “engessado” em discursos sobre incompetência, do que nos levado a produzir mudanças necessárias. Mas reconhecer que necessitamos de atualização, já é início de um processo que nos tira do imobilismo e da acomodação e que, por nos inquietar, gera movimentos de busca e de renovação. Pode ser sofrido e custoso, mas, convenhamos, a vivência da inquietação é que nos faz avançar. (p. 10).

Portanto, faz se necessário questionar sobre algo que queremos, criticar se estamos observando que pode mudar e assim aprender o melhor para a nossa formação, tendo uma qualidade de aprendizado, onde através de questionamentos,

inquietações se tornaram de grande importância para sermos profissionais de qualidade.

2.3. A CONTRIBUIÇÃO DE VYGOTSKY PARA A EDUCAÇÃO

Coelho e Pisoni (2012), em artigo publicado, destacam a importância de Vygotsky na educação por trabalhar com teses dentro de suas obras nas quais ele descreve, a relação indivíduo/ sociedade afirmando que as características humanas não estão presentes desde o nascimento, nem são simplesmente resultados das pressões do meio externo, explicando que são resultados das relações homem e sociedade e que a criança nasce apenas com as funções psicológicas elementares e quando há uma aprendizagem cultural, estas funções transformam-se em funções psicológicas superiores, sendo estas o controle consciente do comportamento, a ação intencional e a liberdade do indivíduo em relação às características do momento e do espaço presente. O desenvolvimento do psiquismo humano é sempre mediado pelo outro que indica, delimita e atribui significados à realidade. Dessa forma membros imaturos da espécie humana vão aos poucos se apropriando dos modos de funcionamento psicológicos, comportamento e cultura. Neste caso podemos citar a importância da inclusão de fato, onde as crianças com alguma deficiência interajam com crianças que estejam com desenvolvimento além, realizando a troca de saberes e experiências, onde ambos passam a aprender juntos.

As autoras citadas acima, falam da importância da criança que possui algumas deficiências interagir com outra criança que esteja com o desenvolvimento mais além para assim, aprender juntas, onde realizam a troca de saberes, por isso é papel da escola incluir as crianças com deficiência na sala regular e assim, formar o conceito e a sistematização de algo que estejam em sua vivência diária.

Um ponto muito importante que Vygotsky(1997) fala é sobre a aprendizagem onde ele diz que começa em casa e quando a criança entra na escola os saberes se juntam e trazem um novo conhecimento colaborando do desenvolvimento da criança, e incluindo o professor com um fator de importância pois é ele quem vai mediar o saber que a criança já tem com o novo conhecimento. A escola tem o papel de sistematizar esse conhecimento com atividades diferenciadas em que o aluno aprenda a ler, escrever, ter o domínio de cálculos e assim, expandir o seu conhecimento.

O trabalho pedagógico está ligado à capacidade da criança no avanço de seu conhecimento, os profissionais da escola devem estar sempre observando o aluno,

valorizar seu conhecimento prévio, procurando estimular suas potencialidades e possibilitar ao aluno superar suas limitações.

Outro ponto que o professor deve realizar é conhecer bem o aluno para que possa se fazer um bom trabalho, podendo trabalhar suas descobertas, hipóteses, crenças, opiniões ressaltando o papel do diálogo que o ajudará a expressar-se.

O brinquedo é um mundo imaginário onde a criança pode realizar seus desejos. O ato de brincar é uma importante fonte de promoção de desenvolvimento, sendo muito valorizadas na zona proximal, neste caso em especial as brincadeiras de 'faz de conta'. Sendo estas atividades utilizadas, em geral, na Educação Infantil fase em que as crianças aprendem a falar (após os três anos de idade), e são capazes de envolver-se numa situação imaginária. Através do imaginário a criança estabelece regras do cotidiano real.

Mesmo havendo uma significativa distância entre o comportamento na vida real e o comportamento no brinquedo, a atuação no mundo imaginário e o estabelecimento de regras a serem seguidas criam uma zona de desenvolvimento proximal, na medida em que impulsionam conceitos e processos em desenvolvimento (REGO, 1994, p. 83).

Na citação acima, é ressaltada a importância do brinquedo e o mundo imaginário, onde a criança ao brincar está estimulando o seu desenvolvimento e que a zona de desenvolvimento proximal está sendo valorizada, principalmente nas brincadeiras de "fazer de conta", onde na brincadeira a criança utiliza bastante sua imaginação, incluindo coisas ou pessoas, fase após os três anos de idade onde a criança já aprendendo a falar consegue estabelecer regras em suas brincadeiras colaborando em seu aprendizado.

A escola se torna muito importante para a criança, pois nela o conhecimento é aprimorado com a ajuda do professor que é o mediador do conhecimento onde levará alternativas para que ela desenvolva o sistema cognitivo, partindo do conhecimento prévio e assim sendo trabalhado, atinja o seu avanço educacional e todos os que fazem parte desse avanço percebam seu desenvolvimento.

Aprofundando a importância de se compreender o que é de fato uma criança que apresenta comportamentos indicativos de que é possuidora de DI, foco do nosso trabalho, passaremos a detalhar a teoria de Vygotsky.

Vygotsky (1997) defendia a educação social fundamentada nos princípios marxistas. Essa concepção teórico/filosófica possibilitou a constituição de uma

educação especial mais humana para as pessoas com DI, pois tinha por objetivo o desenvolvimento da pessoa com deficiência em sua totalidade, por meio da apropriação dos instrumentos intelectuais e materiais e da atuação consciente na sociedade a qual pertencia. Fundamentado nessa concepção teórica e no contexto social, político e econômico favorável, ele dedicou parte dos seus estudos justamente à DI. Para se referir a esse público, ele se utiliza de vários termos, como: atraso mental; imbecil, débil e idiota, todos se referindo às variações do atraso mental. Termos esses muito utilizados no século passado. Para ele, a deficiência intelectual designa “[...] todo o grupo de crianças, que em relação ao nível médio, está atrasado em seu desenvolvimento e que, no processo de aprendizagem escolar, manifesta incapacidade de seguir o mesmo ritmo dos demais alunos.” (VYGOTSKY, 1997, p. 201). Em virtude da DI ser provocada por motivos ainda não determinados, subdivide em dois grupos: a provocada em consequência de uma enfermidade nervosa ou psicológica, com perspectivas de superação após tratamento, e a provocada por um defeito orgânico.

Na sua teoria, ele aponta quatro teses fundamentais e concretas que caracterizam o desenvolvimento compensatório da criança com deficiência intelectual: a primeira é caracterizada como funções que se tornam mais complexas pela utilização de recursos mediadores. Vygotsky (1997) parte do princípio de que nenhuma das funções psicológicas realiza-se de um só modo, mas de que cada uma concretiza-se de modos diversos, tornando-se mais complexa com o uso de recursos mediadores, como a linguagem, por exemplo, por meio da qual a criança se desenvolve. Ele afirma que o homem, diferentemente dos animais, cria estímulos artificiais que funcionarão como estímulos auxiliares para dominar as próprias reações. Para ele, todo comportamento é mediado por instrumentos e signos. No caso da pessoa com deficiência, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores é possível por meio de recursos auxiliares que contribuem para a superação das funções limitadas ou inexistentes.

A segunda tese é caracterizada pela coletividade como fator de desenvolvimento das funções psíquicas superiores de toda criança, que tenha DI ou não.

[...] toda função psicológica superior, no processo do desenvolvimento infantil, se manifesta duas vezes, a primeira como função de conduta coletiva, como organização da colaboração da criança com o ambiente, depois como função individual da conduta, como capacidade interior de atividade do processo

psicológico no sentido estrito e exato desta palavra. (VYGOTSKY, 1997, p. 139).

Percebe-se, portanto, que o desenvolvimento das funções psicológicas está presente no processo de desenvolvimento infantil: primeiro, como expressão da conduta coletiva e segundo, como função individual da conduta.

A terceira tese trata das relações sistêmicas entre as funções, denominadas vínculos interfuncionais. Elas não se desenvolvem isoladamente; uma função interfere na outra de forma complexa. Por exemplo, o desenvolvimento da memória lógica envolve certa relação entre a atenção e o pensamento.

A última tese de compensação da DI aborda as vias de desvios, que apresentam significativo caráter pedagógico e criativo para a criança. Essas vias consistem em caminhos ou recursos culturais que possibilitem a realização de uma tarefa. Como exemplo, o uso das mãos para facilitar o cálculo, que adquirem o significado de um recurso para a criança pequena, quando a tarefa está dificultada pelo caminho direto, isto é, por meio do pensamento e do raciocínio lógico. O importante é que a criança pequena realize o cálculo, que o cego leia, que o surdo fale e que a criança DI desenvolva o pensamento.

Assim, para a pessoa com DI, a educação que vise à compensação da sua deficiência e ao desenvolvimento de suas potencialidades, deve centrar-se na apropriação do pensamento com o objetivo de alcançar sua forma abstrata. No entanto, fatalmente, a escola tende a reforçar a deficiência, acomodando-se a ela, excluindo do seu programa tudo o que exige esforço do pensamento abstrato, tudo o que desperta a necessidade de pensar, fundamentando o ensino no trabalho concreto e visual, e, dessa forma, dificultando o desenvolvimento da criança.

A educação para pessoas com DI deve de ser uma educação que comporte todos as limitações promovendo uma aprendizagem de qualidade, de certa forma quase que igualitária a de pessoas que não possui a deficiência, respeitando seus limites, porém não deixando de visar o potencial que existe em cada um, independentemente de ter alguma deficiência com estímulos, paciência e dedicação. A aprendizagem é possível e pode ser prazerosa a partir do momento em que se entende o outro, como processo contínuo da sociedade em que vive, e que cada um é importante na sociedade e pode contribuir para uma sociedade melhor. Tendo alguma limitação ou não.

2.4 O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

O AEE é um serviço da Educação Especial que identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando as suas necessidades específicas. O AEE complementa e/ou suplementa a formação do aluno com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela. Ele apoia o desenvolvimento do aluno com deficiência, transtornos gerais de desenvolvimento e altas habilidades, disponibiliza o ensino de linguagens e de códigos específicos de comunicação e sinalização e oferece tecnologia assistiva – TA. Adequa e produz materiais didáticos e pedagógicos, tendo em vista as necessidades específicas dos alunos. Oportuniza o enriquecimento curricular (para alunos com altas habilidades).

É por meio do AEE que pessoas com qualquer tipo de deficiência que possa comprometer sua vida escolar ou social são atendidas e com esse atendimento a vida delas possa melhorar, possibilitando a mudança de suas vidas e trazendo um pouco de dignidade frente a sociedade que ainda nos dias atuais é tão preconceituosa e não busca a melhora de pessoas com qualquer tipo de deficiência.

Os exercícios que trabalhem com abstratos, projeções são de grande influência para alunos com DI, pois trabalha a projeção de algo e a coordenação que são fatores que precisam usar o cognitivo processo que a por meio de estímulo e provocação para o aluno que são de grande importância. Devemos compreender que a sala de AEE não é para ajuda em tarefas cotidianas e nem um ensino particular e sim para atendimento das crianças com necessidades especiais.

Ele pode ser realizado em grupos, no entanto a atenção deve ser redobrada para a forma específica de cada aluno se relacionar com o saber. Para uma melhor eficiência não é indicado realizá-lo em grupos fechados formados por alunos com o mesmo tipo de patologia e/ou desenvolvimento. “Esses grupos devem ser constituídos de alunos da mesma faixa etária e em vários níveis do processo de conhecimento”. (GOMES, et al., 2007, p.23).

Com esse acompanhamento dentro da sala do AEE, os alunos saem de uma posição do não saber ou de recusa de saber que é próprio para si constituído de seu esforço e empenho, e a professora tem uma grande colaboração de proporcionar os alunos de forma autônoma se posicione, crie busca o saber de forma que o professor não interfira a todo o momento deixando o mesmo ir a busca desse saber.

Mas o AEE não deve funcionar com uma análise interpretativa, própria das sessões psicopedagógicas, tradicionalmente praticada. Esse serviço deve “permitir ao aluno elaborar suas questões, suas idéias, de forma ativa e não colaborar para sua alienação diante de todo e qualquer saber”. (Ibid. p.24).

A exploração para que o aluno realize uma atividade construtiva é de grande saber buscando para o aluno a leitura, escrita e a qualificação no qual a sua avaliação será feita de maneira que o conhecimento foi construído para si próprio e não por uma avaliação de conhecimento fornecido pelo ensino regular.

Devemos compreender que a escola regular e o AEE precisam caminhar juntos, por mais que o aluno com DI não consiga acompanhar conteúdos curriculares, a socialização e a comunicação com outros alunos é a justificativa para ele ser inserido dentro da sala regular, pois a relação com o outro promove a construção cognitiva e a compreensão, a participação em grupos sociais favorece o seu aproveitamento no AEE.

O espaço físico do AEE deve ser utilizado somente para o atendimento das crianças que necessitam dele. O tempo de atendimento será estabelecido conforme a necessidade de aluno e deve ocorrer em horários opostos ao horário da sala regular. Por exemplo, se no horário da manhã o aluno está em sala de aula, será atendido no horário da tarde e vice e versa.

A Resolução nº 4, de 2009 que institui a obrigatoriedade dos sistemas de ensino matriculem alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas classes comuns do ensino regular, diz no Art. 5º que o AEE é realizado prioritariamente na sala de recursos multifuncionais da própria escola ou em outra escola de ensino regular, no turno inverso da escolarização, não sendo substitutivo às classes comuns (BRASIL, 2009).

Esta resolução também definiu como público-alvo do AEE: primeiro, os alunos com deficiência, segundo, os com transtornos globais do desenvolvimento e terceiro, os com altas habilidades/superdotação. Também definiu as atribuições do professor do AEE nas salas apropriadas. São elas:

- I - Identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias considerando as necessidades específicas dos alunos público-alvo da Educação Especial.
- II - Elaborar e executar plano de Atendimento Educacional Especializado, avaliando a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade.

- III - Organizar o tipo e o número de atendimentos aos alunos na sala de recursos multifuncionais.
- IV - Acompanhar a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade na sala de aula comum do ensino regular, bem como em outros ambientes da escola.
- V - Estabelecer parcerias com as áreas inter setoriais na elaboração de estratégias e na disponibilização de recursos de acessibilidade.
- VI - Orientar professores e famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade utilizados pelo aluno.
- VII - Ensinar e usar a tecnologia assistiva de forma a ampliar habilidades funcionais dos alunos, promovendo autonomia e participação.
- VIII - Estabelecer articulação com os professores da sala de aula comum, visando à disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares (BRASIL, 2009, p. 3).

Todas essas atribuições são articuladas a outras ações que promovem as condições fundamentais para eliminar as barreiras que impedem a plena participação desses alunos em todas as atividades, tais como: a articulação com os professores da sala de aula comum, a orientação às famílias dos alunos, a elaboração e execução do plano do AEE e a disseminação do processo de inclusão na escola.

2.5 ALGUNS ASPECTOS DA DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

A DI, de acordo com a Associação Americana sobre Deficiência Intelectual do Desenvolvimento AAIDD, caracteriza-se por um funcionamento intelectual inferior à média (QI), associado a limitações adaptativas em pelo menos duas áreas de habilidades: a primeira, concernente à comunicação, autocuidado, vida no lar, adaptação social, saúde; e a segunda, à segurança, uso de recursos da comunidade, determinação, funções acadêmicas, lazer e trabalho, que ocorrem antes dos 18 anos de idade.

Compreendemos que a criança com DI tem dificuldade para aprender, entender e realizar atividades comuns para as outras pessoas. Muitas vezes, essa pessoa se comporta como se tivesse menos idade do que realmente tem. A DI quase sempre é resultado de uma alteração no desempenho cerebral, provocada por fatores genéticos, distúrbios na gestação, problemas no parto ou na vida após o nascimento. Um dos maiores desafios enfrentados pelos pesquisadores da área é que em grande parte dos casos estudados essa alteração não tem uma causa conhecida ou identificada. Muitas vezes não se chega a estabelecer claramente a origem da deficiência.

Os primeiros estudos para o entendimento e compreensão da deficiência intelectual tiveram um caráter médico-organicista, ultrapassando a questão da ética e

dos cristãos para uma visão científica, e foram analisados por Thomas Willis, no século XVII. Segundo Pessotti (1984, p.23): a idiotia e a estupidez dependem de uma falta de julgamento e de inteligência, que não corresponde ao pensamento racional real: o cérebro é a sede da enfermidade, que consiste numa ausência de imaginação e memória, cuja sede está no cérebro. A imaginação, localizada no corpo caloso ou substância branca; e a memória, na substância cortical. Assim, se a imbecilidade ou a estupidez aparecem, a causa reside na região cerebral envolvida ou nos espíritos animais, ou em ambos.

Em uma análise complexa dos fatos, a proposta de Thomas Willis não havia distinção clara da deficiência intelectual/mental sua proposta foi a base da ciência e não da religião, John Locke em conceber a DI numa perspectiva “naturalista”, a partir de sua teoria da Tabula Rasa.

E contra esse absolutismo teocrático que lutaria em toda a sua vida John Locke (1632-1704), cuja obra revolucionaria definitivamente as doutrinas então vigentes sobre a mente humana e suas funções, além de abalar de modo irreversível o dogmatismo ético cristão. Tendo escrito sobre economia, medicina, política e religião, entre 1666 e 1669, a partir de 1670 Locke começa a preocupar-se com o fato de que os princípios da moral não se podem estabelecer solidamente sem antes examinar nossa própria capacidade de ver quais objetos estão ao nosso alcance ou acima da nossa compreensão. (PESSOTTI, 1984, p. 26)

Na concepção de John Locke na citação acima se compreende que para ele a mente humana precisa ser testada nas capacidades limites sem haver barreiras nos dogmas e na tolerância religiosa.

Segundo Silva (1984), o pensamento social construído em relação à DI era reflexo do pensamento religioso, sobretudo da Igreja Católica. O tratamento da pessoa com deficiência durante a colonização do Brasil seguiu os moldes do seu colonizador europeu, Portugal, com ações de segregação devido aos preconceitos criados. Basicamente, os que mais sofreram o desrespeito em sua condição humana por serem deficientes foram os deficientes pertencentes a camadas empobrecidas do Brasil colônia: No entanto, assim como na velha Europa, a quase totalidade das informações sobre pessoas defeituosas esta diluída em comentários relacionados aos doentes e aos pobres de um modo geral, como em todas as demais partes do mundo. Na verdade no Brasil a pessoa deficiente foi considerada por vários séculos dentro da categoria mais ampla dos “miseráveis”, talvez os mais pobres dos pobres (SILVA, 1984, p.273).

Ressaltamos que o pensamento religioso da igreja católica durante a colonização veio de preconceitos com a pessoa com DI onde pessoas por seres de camada empobrecida relacionando também as pessoas doentes e pobres.

Um pensamento social que deixa sua marca até hoje por preconceitos e falta de informações, pois naquela época não tinha muitas pesquisas ou fácil acesso das informações sobre a deficiência, ou seja, profissionais especializados que pudessem esclarecer para a sociedade sobre a DI.

Esse termo é cada vez mais usado em vez de retardo mental. DI é definida como uma condição de desenvolvimento interrompido ou incompleto de mente que é especialmente caracterizado pelo comprometimento de habilidades manifestadas durante o período de desenvolvimento, que contribuem para o nível global da inteligência, isto é, cognitivas, de linguagem, motoras e habilidades sociais de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS).

A criança com DI ,apresenta dificuldades em desenvolver seus conhecimentos e capacidades. E, quando se tem uma escola que cultiva a metodologia conservadora, essa situação só tende a piorar. Vale ressaltar, que é de grande relevância, tornar essas instituições de ensino, adaptadas e adequadas às necessidades e limitações de cada deficiência. Ainda nesta perspectiva, para que haja de fato uma aula inclusiva, não precisa necessariamente preparar uma aula específica para cada aluno, mas, reorganizar seu método para que possa atendê-los de maneira homogenia. O professor precisa desenvolver no aluno, a valorização e a visão que os mesmos têm de si, proporcionando assim, o desejo e a autoconfiança.

Muita gente confunde DI e doença mental, mas é importante esclarecer que são duas coisas bem diferentes, pois na primeira, a pessoa apresenta um atraso no seu desenvolvimento, dificuldades para aprender e realizar tarefas do dia a dia e interagir com o meio em que vive. Ou seja, existe um comprometimento cognitivo, que acontece antes dos 18 anos, e que prejudica suas habilidades adaptativas.

Já a doença mental engloba uma série de condições que causam alteração de humor e comportamento e podem afetar o desempenho da pessoa na sociedade. Essas alterações acontecem na mente da pessoa e causam uma alteração na sua percepção da realidade. Em resumo, é uma doença psiquiátrica, que deve ser tratada por um psiquiatra, com uso de medicamentos específicos para cada situação.

A DI não é considerada uma doença ou um transtorno psiquiátrico, e sim um ou mais fatores que causam prejuízo das funções cognitivas que acompanham o desenvolvimento diferente do cérebro (HONORA, FRIZIANO, 2008).

Podemos considerar que a Deficiência Intelectual agrega a condição de apresentar certas limitações no desempenho de tarefas, como comunicação, cuidado pessoal e de relacionamento social. Mas, o AEE tem o propósito de valorizar as potencialidades também presentes na criança com deficiência intelectual. (CRISTINA, CARON, 2015, p.110).

Podemos observar a grande importância do AEE no desempenho para a vida do aluno que está a cada dia sendo atendido pelo mesmo. O reconhecimento e valorização deste espaço de educação onde as diferenças não existem e onde se é educado para que, para fora do AEE, elas possam cada dia mais diminuir, e todos que passam por ali venham mostrar que são capazes de realizar e se desenvolver mesmo com suas limitações.

2.5.1 Causas da Deficiência Intelectual

As causas da DI são várias, podendo aparecer desde o momento da concepção até os momentos finais da gestação, estendendo-se até a adolescência, acarretando prejuízos durante a sua vida escolar. Podemos verificar as causas da DI como fatores de risco e outras causas, podendo ocorrer em três fases: pré-natais, perinatais e pós-natais.

Na fase pré-natal, os fatores que incidem desde o momento da concepção do bebê até o início do trabalho de parto, podem ser acarretados por fatores genéticos, como alterações cromossômicas (numéricas ou estruturais), que provocam Síndrome de Down, entre outros, e alterações gênicas (erros inatos do metabolismo): que provocam Fenilcetonúria, entre outros. Podem ser acarretados por fatores que afetam o complexo materno-fetal, como: tabagismo, alcoolismo, consumo de drogas, efeitos colaterais de medicamentos teratogênicos (capazes de provocar danos nos embriões e fetos); doenças maternas crônicas ou gestacionais (como diabetes mellitus); doenças infecciosas na mãe, que podem comprometer o feto: sífilis, rubéola, toxoplasmose; e desnutrição materna.

Na fase perinatal, os fatores que incidem do início do trabalho de parto até o 30.º dia de vida do bebê: Hipóxia ou anoxia (oxigenação cerebral insuficiente); prematuridade e baixo peso: Pequeno para Idade Gestacional (PIG); e Icterícia grave do recém-nascido (kernicterus).

Na fase pós-natal, os fatores que incidem do 30.º dia de vida do bebê até o final da adolescência: desnutrição, desidratação grave, carência de estimulação global; infecções: meningites, sarampo; intoxicações exógenas: envenenamentos

provocados por remédios, inseticidas, produtos químicos como chumbo, mercúrio etc.; e acidentes: trânsito, afogamento, choque elétrico, asfixia, quedas etc.

2.5.2 Tipos de Deficiência Intelectual

Entre os inúmeros fatores que podem causar a DI, destacam-se alterações cromossômicas e gênicas, desordens do desenvolvimento embrionário ou outros distúrbios estruturais e funcionais que reduzem a capacidade do cérebro.

- Síndrome de Down – alteração genética que ocorre na formação do bebê, no início da gravidez. O grau de deficiência intelectual provocado pela síndrome é variável, e o coeficiente de inteligência (QI) pode variar e chegar a valores inferiores a 40. A linguagem fica mais comprometida, mas a visão é relativamente preservada. As interações sociais podem se desenvolver bem, no entanto podem aparecer distúrbios como hiperatividade, depressão, entre outros.
- Síndrome do X-Frágil – alteração genética que provoca atraso mental. A criança apresenta face alongada, orelhas grandes ou salientes, além de comprometimento ocular e comportamento social atípico, principalmente timidez.
- Síndrome de Prader-Willi – o quadro clínico varia de paciente a paciente, conforme a idade. No período neonatal, a criança apresenta severa hipotonia muscular, baixo peso e pequena estatura. Em geral a pessoa apresenta problemas de aprendizagem e dificuldade para pensamentos e conceitos abstratos.
- Síndrome de Angelman – distúrbio neurológico que causa deficiência intelectual, comprometimento ou ausência de fala, epilepsia, atraso psicomotor, andar desequilibrado, com as pernas afastadas e esticadas, sono entrecortado e difícil, alterações no comportamento, entre outras.
- Síndrome Williams – alteração genética que causa deficiência intelectual de leve a moderada. A pessoa apresenta comprometimento maior da capacidade visual e espacial em contraste com um bom desenvolvimento da linguagem oral e na música.
- Erros Inatos de Metabolismo (Fenilcetonúria, Hipotireoidismo congênito etc.) – alterações metabólicas, em geral enzimáticas, que normalmente não apresentam sinais nem sintomas sugestivos de doenças. São detectados pelo Teste do Pezinho, e quando tratados adequadamente, podem prevenir o aparecimento de deficiência intelectual. Alguns achados clínicos ou laboratoriais que sugerem esse tipo de distúrbio metabólico: falha de crescimento adequado, doenças recorrentes e

inexplicáveis, convulsões, atoxia, perda de habilidade psicomotora, hipotonia, sonolência anormal ou coma, anormalidade ocular, sexual, de pelos e cabelos, surdez inexplicada, acidose láctea e/ou metabólica, distúrbios de colesterol, entre outros.

2.5.3 Níveis da Deficiência Intelectual

Os níveis da DI constituem outra classificação, de acordo com a OMS.

- Níveis de Gravidade do Retardo Mental (DSM-IV) - Deficiência Intelectual:
- Retardo Mental Leve, Nível de QI 50-55 a aproximadamente 70
- Retardo Mental Moderado, Nível de QI 35-40 a 50-55
- Retardo Mental Severo (ou Grave), Nível de QI 20-25 a 35-40
- Retardo Mental Profundo, Nível de QI abaixo de 20 ou 25
- Retardo Mental, Gravidade Não Especificado

Retardo Mental Leve: (85% dos DI): dos 0 aos 6 anos quase não apresentam diferenças em relação às outras crianças; comprometimento mínimo em áreas sensório-motoras; podem aprender habilidades acadêmicas básicas na escola, porém a partir dos 6 anos apresentam lentidão na aprendizagem, e dificuldade de concentração; de modo geral não apresentam dificuldade de linguagem e habilidades sociais adequadas; com estimulação adequada podem se alfabetizar e se tornar independentes; podem entrar no mercado de trabalho.

Retardo Mental Moderado (10% dos DI): maior defasagem em relação às outras crianças da mesma idade; comprometimento acentuado em áreas sensório-motoras; déficit de linguagem; nível intelectual com prejuízos com significativos prejuízos; são capazes de se tornarem independentes quanto aos autocuidados e de aprenderem coisas simples, embora baseando-se em objetos e situações concretas; durante a adolescência podem apresentar dificuldade no relacionamento interpessoal por apresentarem dificuldade de reconhecer as convenções sociais.

Retardo Mental Severo (ou Grave) (3% a 4% dos DI): comprometimento bastante acentuado no desenvolvimento neuropsicomotor; linguagem escassa e não comunicativa; podem realizar atividades simples sob supervisão; requerem estimulação intensa para adquirir independência.

Retardo Mental Profundo (1% a 2% dos DI): nota-se na primeira infância um atraso global de todas as áreas do desenvolvimento, que permanecem quase sempre incompletas; a autonomia nas tarefas de vida cotidiana (alimentação, higiene, controle

de esfíncter) é parcial, mas pode melhorar com a sistematização da aprendizagem; a linguagem é quase inexistente, reduzida a algumas palavras ou fonemas; necessitam de ambiente altamente estruturado, com ajuda e supervisão constantes, e um relacionamento individualizado, com dispensa de cuidados para o desenvolvimento mais favorável.

O aluno que foi o estudo de nossa pesquisa, possui o nível de retardo mental moderado, Percebemos suas dificuldades em realizar tarefas cotidianas, o seu nível para compreender as informações é lento, precisando de auxílio da professora quando estava dentro da sala de AEE, quando a professora ditava a atividade oralmente, em cuidados pessoais, como escovar os dentes, ir ao banheiro, e outros.

2.6 PROCESSO PEDAGÓGICO PARA ALUNO COM DI

Segundo Corrêa (2008),

Considerando-se que a criança com deficiência intelectual apresenta dificuldades em assimilar conteúdos abstratos, faz-se necessário a utilização de material pedagógico concreto, e de estratégias metodológicas práticas para que esse aluno desenvolva suas habilidades cognitivas e para facilitar a construção do conhecimento. Os jogos e brincadeiras são estratégias metodológicas que proporcionam a aprendizagem através de materiais concretos e de atividades práticas, onde a criança cria, reflete, analisa e interage com seus colegas e com o professor. (p. 04).

A criança com DI tem muitas dificuldades em assimilar conteúdos abstratos, é preciso utilizar-se materiais pedagógicos concretos e uma metodologia prática para que melhor haja o desenvolvimento do aluno e junto também desenvolva suas habilidades de cognição de forma a facilitar os conhecimentos, os jogos e as brincadeiras são métodos que proporciona a aprendizagem junto com materiais concretos e de atividades práticas permitem a reflexão, análise e trazem a interação com colegas e seu professor.

Ao discutir o papel do brinquedo, Vygotsky demonstra, de forma extremamente original, como as interações sociais que as crianças estabelecem nestas circunstâncias colaboram para o seu desenvolvimento. Enquanto brinca, a criança reproduz regras, vivência princípios que está percebendo na realidade. Logo, as interações requeridas pelo brinquedo possibilitam a internalização do real, promovendo o desenvolvimento cognitivo.

Segundo Vygotsky o brinquedo é fundamental para que as crianças entrem em contato com interações sociais bastante perto da realidade. O desenvolvimento cognitivo nesse ponto se faz em relação com o brincar com o brinquedo que está em contato com ela com o real que se faz verdadeiro a sua volta.

Para Vygotsky (1998),

É enorme a influência do brinquedo no desenvolvimento de uma criança. No brinquedo, o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das ideias e não das coisas: um pedaço de madeira torna-se um boneco e um cabo de vassoura torna-se um cavalo. O brinquedo é um fator muito importante nas transformações internas do desenvolvimento da criança. (p.64).

É por meio da brincadeira que a criança pode se conectar ao mundo a sua volta e assim também faz uma conexão ao mundo adulto e também já pode conhecer algumas atitudes para viver em sociedade e formando a sua personalidade.

De acordo com as concepções de Vygotsky, o jogo e o brinquedo são instrumentos que devem ser explorados na escola como um recurso pedagógico de grande valia, pois além desenvolver as regras de comportamento, o jogo atua na zona de desenvolvimento proximal, ou seja, a criança consegue, muitas vezes, realizações numa situação de jogo, as quais ainda não é capaz de realizar numa situação de aprendizagem formal.

Os jogos e as brincadeiras, segundo Vygotsky e Piaget, são de grande importância para o aprendizado e desenvolvimento cognitivo da criança com DI, pois eles não têm tanta facilidade em fazer assimilação abstrata do concreto, então são facilitadores na construção do conhecimento.

Segundo o autor, o jogo auxilia na aprendizagem, que muitas vezes em ocasião forma é mais complicado de compreender. Então, através do jogo a aprendizagem vem de uma forma mais prazerosa e mais fácil.

O brincar faz parte dos primeiros atos da criança. Desde o nascimento a criança descobre o mundo brincando, seja através do contato com seu próprio corpo, seja pela referência dos seus pais. A brincadeira é a oportunidade de desenvolvimento onde a criança experimenta, descobre, inventa, exercita e ainda confere suas habilidades. O brincar estimula a curiosidade, a iniciativa e a autoconfiança Também proporciona aprendizagem, desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e da atenção. Os jogos e brincadeiras são estimuladores da cognição, afeição, motivação e criatividade.

O ato de brincar facilita o desenvolvimento da criança é por meio desta atividade que a ela explora o mundo onde vive e descobre o novo proporcionando nela uma curiosidade e por ela é possível explorar o mundo e se realizar brincando.

Tanto Piaget, quanto Vygotsky atribuíram ao brincar da criança um papel decisivo na evolução dos processos de desenvolvimento humano, como maturação e aprendizagem, embora com enfoques diferentes.

Esses dois teóricos que nos fala sobre a aprendizagem e a importância do brincar contribuíram com seus estudos para que a brincadeira fosse enxergada também como meio de aprendizagem e não somente como um momento sem nenhuma serventia para a vida das crianças. Cada um tem uma visão diferente sobre o lúdico, porém os dois defendem que o ato de brincar contribui para que a aprendizagem também aconteça sendo dentro do ambiente escolar ou fora dele.

Pensar na atividade lúdica enquanto um meio educacional significa pensar não apenas no jogo pelo jogo, mas no jogo como instrumento de trabalho, como meio para atingir objetivos pré-estabelecidos. O jogo pode ser útil tanto para estimular o desenvolvimento integral da criança como para trabalhar conteúdos curriculares. Os jogos e as brincadeiras podem e devem fazer parte das atividades curriculares, sobretudo nos níveis pré-escolares e nas séries iniciais.

Quando se pensa na atividade com jogos é necessário ter a certeza de que não se utiliza o jogo apenas como um passa tempo, contudo dentro do ambiente escolar ele parte importante na aprendizagem dos alunos que aprendem de forma divertida e que muitas vezes nem percebem que eles aprendem através dos jogos.

Segundo Kishimoto (2008)

O jogo contempla várias formas de representação da criança ou suas múltiplas inteligências, contribuindo para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil. Quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão educativa. Utilizar o jogo na educação infantil significa transportar para o campo do ensino aprendizagem condições para maximizar a construção do conhecimento.(p.21).

O jogo pode ser considerado um recurso pedagógico indispensável, uma vez que é a forma primordial de construção dos conhecimentos pela criança. Cabe aos educadores conhecer esses recursos e utilizá-los de forma adequada, proporcionando jogos criativos ou com regras já estabelecidas. A educação lúdica, além de contribuir e influenciar na formação da criança e do adolescente, possibilitando um crescimento

sadio, um enriquecimento permanente; integra-se ao mais alto espírito de uma prática democrática, enquanto investe em uma produção séria do conhecimento. A utilização de jogos educativos como recurso didático-pedagógico, voltado a estimular e efetivar a aprendizagem, desenvolvendo todas as potencialidades e habilidades nos alunos, é um caminho para o educador desenvolver aulas mais interessantes, descontraídas e dinâmicas, podendo competir em igualdade de condições com inúmeros recursos a que o aluno tem acesso fora da escola.

Os jogos e brincadeiras para as crianças com deficiência intelectual constituem atividades que contribuem para trazer grandes benefícios para o físico, intelectual e social a criança.

De acordo com VYGOTSKY(1998), a arte de brincar pode ajudar a criança com necessidades educativas especiais a desenvolver-se, a comunicar-se com os que a cercam e consigo mesma. Através dos jogos e brincadeiras a criança com deficiência intelectual pode desenvolver a imaginação, a confiança, a autoestima, o autocontrole e a cooperação. Os jogos e brincadeiras proporcionam o aprender fazendo, o desenvolvimento da linguagem, o senso de companheirismo e a criatividade. (p. 07).

A arte de brincar vai além de ser uma somente uma brincadeira, proporcionando um melhor desenvolvimento consigo mesma, social e intelectual, colaborando no processo de aprendizagem, pois a criança através do realconcreto conseguirá desenvolver suas capacidades, aonde a prática ajudará melhor a criança nas atividades educativas especiais a desenvolver se, além do jogo ser como uma brincadeira, deve ser aplicado como método de aprendizagem, métodoeste mediado de forma agradável para as crianças.

Segundo Kishimoto (2002), “o jogo não pode ser visto, apenas, comodivertimento ou brincadeira para desgastar energia, pois ele favorece o desenvolvimentofísico, cognitivo, afetivo, social e moral” (p.95).Portanto, os jogos são de grande importância para a criança DI,devem ser sempre inseridos no processo de desenvolvimento,pois vai além de brincadeira ele propõe ao aluno alcançar etapas que o ensino normal não realiza.

O professor como está integrado nesse processo deve estimular ao máximo no desenvolvimento de suas habilidades, pois ele sendo o mediador desse conhecimento deve participar junto com a criança dos jogos onde a orientação para a criança vai ser de grande importância assumindo a proposta do lúdico.

Alguns jogos podem ser trabalhados com o aluno de forma lúdica e pedagógica, onde os jogos serão um instrumento a facilitar o aprendizado da criança e o professor pode dividir os jogos de acordo com a área de desenvolvimento, nos jogos que serão citados abaixo serão de grande importância para os alunos com DI, além de que o professor também pode criar alguns jogos, modificando-os. Isso vai depender da necessidade dos alunos, assim colaborando para um melhor desenvolvimento da aprendizagem.

A criança que sempre participou de jogos e brincadeiras grupais saberá trabalhar em grupo; por ter aprendido a aceitar as regras do jogo, saberá também respeitar as normas grupais e sociais. É brincando bastante que a criança vai aprendendo a ser um adulto consciente, capaz de participar e engajar-se na vida de sua comunidade. (VIGOTSKY, 1994, p.82-83).

Seguem alguns jogos, de acordo com Corrêa (2008), são eles:

MÁSCARAS

Estimula: Conscientização sobre as partes do rosto, criatividade.

Descrição: Saco de papel, com furos recortados na altura dos olhos, do nariz e da boca, desenhado e decorado de maneira a imitar um rosto.

Possibilidades de exploração:

- Enfiar o saco de papel na cabeça para descobrir e marcar quais seriam os lugares onde devem ser feitos os furos.
- Desenhar as partes do rosto no saco e colori-las.
- Colar fios ou tiras de papel para representar o cabelo.
- Fazer uma dramatização usando as máscaras e cobrindo as cabeças. -Misturar as máscaras e distribuí-las aleatoriamente. Pedir às crianças que adivinhem qual é o colega que está por trás da máscara.

BONECO

Estimula: Esquema corporal, noções das posições do corpo, criatividade, dramatização.

Descrição: Boneco feito com roupas de criança preenchidas com jornal amassado, nos pés foram utilizadas meias, nas mãos luvas. Para formar a cabeça foi utilizado um

pano dobrado e cortada em forma arredondada; o cabelo e franja foram feitos de lã costurada na cabeça. As partes do corpo foram costuradas umas nas outras.

Possibilidades de exploração:

- Despir e vestir o boneco.

- Colocar o boneco em diferentes posições, comparando sua postura com a de outras pessoas.

- Fazer movimentos corporais para que a criança os imite, usando o boneco.

- Brincar de faz de conta por meio de dramatizações, nas quais a criança represente situações de sua vida diária.

COORDENAÇÃO MOTORA BOLICHE DE LATAS

Estimula: Motricidade, coordenação motora ampla, coordenação viso-motora, arremesso ao alvo, controle de força e direção.

Descrição: Bolas de meia feitas com algumas meias juntas, que são enfiadas no fundo de uma meia comprida. Para arrematar, torcer e desvirar o cano da perna da meia Nylse Helena Silva Cunha: Criar para brincar 21 várias vezes, recobrando a bola para, posteriormente, costura-la. Latas vazias, do mesmo tamanho, com números colados.

Possibilidades de exploração:

- Empilhar as latas fazendo um castelo.

- Jogar como boliche: cada jogador arremessa três bolas, tentando derrubar todas as latas.

- Contar os pontos de acordo com os números escritos nas latas derrubadas.

- Vence o jogo quem tiver feito mais pontos.

PASSA BOLINHA

Estimula: Motricidade, concentração da atenção, coordenação viso-motora.

Descrição: Nylse Helena Silva Cunha: Criar para brincar Nylse Helena Silva Cunha: Criar para brincar 22 Três garrafas de plástico transparente; em duas foi retirado o fundo para poderem ser encaixadas umas nas outras. Dentro delas foram colocadas três bolinhas de gude, e no topo das garrafas encaixadas, foi colocado o fundo de uma delas. As garrafas foram fixadas com durex colorido.

Possibilidades de exploração:

-Sacudir as garrafas de modo que as bolinhas passem pelo gargalo e vão para o fundo da última garrafa. Contar quanto tempo leva para conseguir passar as três bolinhas.

VAIVÉM

Estimula: Coordenação viso-motora e noções de alternância e distância.

Descrição: Garrafas plásticas descartáveis, cordão, argolas e durex colorido. Cortar duas garrafas ao meio, juntar as partes cortadas, colar com durex colorido. Passar dois fios (+ 3 m) por dentro das garrafas. Amarrar argolas nas quatro extremidades.

Possibilidades de exploração: O vaivém é um jogo de duplas, em que a criança segura as extremidades do cordão e uma delas dá um impulso abrindo os braços, jogando o objeto para o outro, que repete a operação, assim, sucessivamente.

CAI NÃO CAI

Estimula: Atenção, motricidade, percepção visual, noção de cor e quantidade.

Descrição: Garrafa plástica descartável, contas ou material de contagem e varetas. Fazer vários furos com arame quente de um lado ao outro da garrafa. Colorir varetas (palitos de churrasco) em várias cores. Selecionar material de contagem nas mesmas cores das varetas. Para montar o jogo colocam-se as varetas nos furos da garrafa e, após, o material de contagem.

Possibilidades de exploração:

-Retirar uma a uma as varetas sem deixar cair as peças.

-Pode participar uma criança para cada cor de vareta. Cada jogador escolhe uma cor e, na sua vez de jogar, só poderá movimentar as suas varetas, tentando não deixar cair as suas contas.

ORIENTAÇÃO ESPACIAL FÓSFOROS

Estimula: Coordenação viso-motora fina, movimento de pinça, orientação espacial, manipulação de quantidades, concentração da atenção.

Descrição: Caixa com palitos de fósforo. As laterais foram inutilizadas pela colocação de um durex (para evitar que as crianças possam riscar os fósforos).

Exploração:

- Retirar os fósforos da caixa e pedir à criança que os guarde, com as cabeças voltadas para o mesmo lado.
- Enfileirar os fósforos na mesa, seguindo determinados critérios (ex. três voltados para cima e três voltados para baixo).
- Fazer figuras com os fósforos. -Fazer formas geométricas com três, quatro, cinco e seis fósforos.
- Construir um quadrado dentro do outro. -Inventar linhas com desenhos variados e reproduzi-las.
- Fazer sequência de fósforos
- Fazer contas com os fósforos.

ORIENTAÇÃO TEMPORAL AMPULHETA

Estimula: Noção de tempo.

Descrição: Selecionar duas garrafas iguais. Colocar areia em uma delas, colar as duas tampas. Fazer um furo nas tampas já coladas. Fechar as duas garrafas com as tampas. Medir o tempo (usando o relógio) em que a areia passa de um recipiente para o outro. Anotar nas extremidades dos dois recipientes o tempo.

Exploração: Como a ampulheta é um instrumento de medida ela pode ser usada simplesmente para que a criança observe o tempo que leva para a areia passar de um recipiente para o outro, ou pode servir de apoio aos jogos, controlando o tempo das tarefas.

PERCEPÇÃO VISUAL DOMINÓ DE RETALHOS

Estimula: Motricidade, coordenação bimanual, discriminação visual de cores, habilidade manual, percepção tátil e visual. Descrição: Pares de quadrados feitos com retalhos de tecidos lisos e estampados, com um botão num dos lados e uma casa no outro.

Exploração:

- Abotoar as peças que têm as mesmas cores ou os mesmos motivos estampados.

-Esconder as peças soltas em uma caixa de papelão. Cada participante, sem olhar tira duas peças. Se formarem par serão abotoadas, caso contrário, voltam para a caixa.

-Jogar como dominó: distribuir as peças entre os participantes, quem tiver a peça igual, deve abotoa-la à outra.

ATENÇÃO, ATENÇÃO!

Estimula: Atenção, discriminação visual, memória visual, vocabulário.

Descrição: Uma folha de cartolina (colada em dois pedaços de cartão grosso para endurecer e poder dobrar), contendo 60 quadrinhos recortados de revistas em quadrinhos e colados em diferentes posições. 60 cartelinhas com as mesmas figuras, recortadas de outra revista igual.

Exploração: Colocar o tabuleiro sobre a mesa e distribuir as cartelinhas entre os participantes. Ao sinal de início, cada jogador deverá colocar sua cartela em cima da figura igual no tabuleiro. Quem conseguir colocar primeiro todas as suas figuras vence o jogo.

-Dar cinco fichas, ou marcadores para cada participante (poderão ser tampinhas coloridas) e colocar todas as cartelinhas dentro de um saquinho. Uma criança sorteia uma cartelinha, mostrando-as aos outros jogadores por aproximadamente 5 segundos. Em seguida, esconde-se a cartela, virando-a de face para baixo e as crianças deverão, o mais rapidamente possível colocar suas fichas no tabuleiro, sobre as figuras correspondentes ao desenho visto na cartelinha. Depois, outra criança fará o sorteio. O primeiro que conseguir colocar todas as cinco fichas sobre os desenhos vence o jogo.

-As crianças observam, as figuras durante um minuto; depois, cada criança à sua vez pede que os colegas encontrem uma figurinha com determinadas características (ex. Magali comendo melancia) para ver quem acha primeiro.

PERCEPÇÃO AUDITIVA ÁUDIO

Estimula: Percepção auditiva, discriminação de sons diferentes, atenção e concentração. Descrição: 10 embalagens de fermento (ou caixas de fósforo vazias), forradas com papel fantasia e em cada duas embalagens os seguintes materiais:

feijões, 32 sementes secas de abóbora, um pedaço de 3 cm de cabo de vassoura, três tampas de refrigerante (de metal) e três pregos.

Exploração: -Balançar as embalagens, procurando as que produzem sons iguais e agrupa-las duas a duas.

-Utilização como jogo: cada participante escolhe uma embalagem e tem duas ou três chances de achar o som igual. Caso o encontre recebe uma ficha. Ganha quem tiver mais fichas.

PERCEPÇÃO TÁTIL SACOLA SURPRESA

Estimula: Atenção e concentração, pensamento lógico, vocabulário, percepção tátil, discriminação de texturas, forma e tamanho.

Descrição: Uma sacola de pano com duas aberturas laterais, fechadas com elástico (tipo puxa-saco), dentro da qual existem objetos e tecidos de texturas diferentes:

-Para discriminação de texturas: 3 retalhos de lã, 3 de seda e 3 de veludo (mesmo tamanho), 3 pedaços de lixa, 3 de plástico e 3 de papel.

-Para discriminação de formas: 4 quadrados (5x5cm), 4 triângulos (5x5cm), 4 círculos (5cm de diâmetro) e 4 retângulos (7x3cm); formas geométricas de cartolina ou de madeira. -Para discriminação de tamanho: 2 dados, 2 lápis, 2 tampinhas e 2 colheres; objetos cujo tamanho seja um grande e um pequeno -Para percepção estereognóstica: 3 grampos, 3 alfinetes de fralda, 3 colheres de café, 3 dados, 3 bolinhas de gude, 3 lápis, 3 botões e 3 borrachas.

Exploração:

-Retirar um objeto da sacola, examiná-lo e depois retirar outro igual. -Introduzir as duas mãos pelas aberturas laterais da sacola e encontrar dois objetos iguais.

-Encontrar um objeto grande com a mão direita e um pequeno com a mão esquerda, ou vice-versa. -Segurar um objeto dentro da sacola, examiná-lo pelo tato e, sem olhar, dizer qual é, conferir em seguida.

-Fazer o mesmo com a outra mão.

-Atender comandos da professora para pegar objetos dentro da sacola. (Ex. “pegue uma borracha”, ou “pegue um objeto de metal”).

GAJETINHAS DA MEMÓRIA

Estimula: Pensamento, memória espacial, atenção, observação.

Descrição: 20 caixas de fósforo colocadas em cinco pilhas de quatro caixas e revestidas com papel contato, fita durex colorida ou papel colorido. Dentro das gavetinhas é possível colocar pequenas peças, de acordo com a forma como se vai brincar.

Exploração:

- Colocar uma pequena peça em uma das gavetinhas do armário, roda-lo, em seguida algumas vezes e pedir que o aluno diga onde está a peça.
- Fazer a mesma coisa, mas escondendo duas peças, depois três e assim por diante.
- Colocar dezoito pares de pequenos objetos nas gavetinhas e jogar como o jogo da memória, em que cada participante tem de encontrar duas peças iguais.

Entendemos que os jogos são estimuladores e desenvolvem um papel fundamental para a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno que necessita se adequar ao mundo a sua volta possibilitando ao mesmo uma vida mais fácil explorando o que há de melhor em cada um é possível que todos sejam vistos como capazes de aprender e de alcançar um futuro cheio de realizações em sua vida como ser humano.

Os jogos apresentados nesse ponto, ajuda no desenvolvimento, estimula e explora vários aspectos do desenvolvimento do aluno, para que tenha um melhordesempenho estimulando a atenção e concentração, pensamento lógico, vocabulário, estímulo da percepção visual, percepção tátil, auditiva, coordenação e outros.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa é de caráter qualitativo, descritivo, onde fundamentam o tema da questão da deficiência intelectual forma usados documentos oficiais como a Declaração de Salamanca, (1994), a LDB e a educação especial(1997), e alguns autores Vygotsky (1997,1998), Padilha (2001),Cristina e Caron(2015). Também foram utilizados materiais bibliográficos e digitais, e o de análise de dados coletados

baseados a partir de teóricos e estudiosos que favoreceram para a coleta de dados na elaboração do trabalho.

As pesquisas bibliográficas dizem respeito ao conjunto de conhecimentos humanos reunidos nas obras. Têm como base fundamental conduzir o leitor a determinado assunto e a produção, coleção, armazenamento, reprodução e comunicação das informações coletadas para o desempenho. (FACHIN, 1993, p. 25).

A pesquisa qualitativa como um método de estudo nos remete a compreender com descrições em formas mais detalhadas as respostas do questionário, para que assim possa se fazer análise das respostas obtidas com mais êxito, e assim chegar ao objetivo proposto da nossa pesquisa.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2002, p. 21-22).

3.1 LOCAL DA PESQUISA

A escola em que foi realizada a pesquisa tem por nome Escola Municipal de Ensino Fundamental Fenelon Câmara, localizado na Rua Adauto Toledo nº157, no bairro Ernesto Geisel, no município de João Pessoa-PB. Funciona nos turnos da manhã, tarde e noite com o Ensino Fundamental e a Educação de Jovens e Adultos. Ainda funcionam o Programa Mais Educação nos turnos da manhã e tarde e o Programa Saúde Na Escola - PSE. A direção geral fica a cargo de L.A.M, que conta com os diretores adjuntos F.B no turno da manhã, F.A no turno da tarde e P.D no turno da noite.

3.2 SUJEITO DA PESQUISA

A Professora da sala regular com inicial G.K.F, formada em Educação Física há onze anos, tem Pós-Graduação em Educação Física Escolar com quinze anos de profissão e há oito anos trabalhando na instituição de ensino como contratada, desafios encontrados pela mesma é trabalhar com aluno com DI, pois em outras instituições não se deparou com aluno com essa característica.

Professora do AEE com inicial M.J.S, formada em Pedagogia, Pós-Graduação em Psicopedagogia Clínica Institucional, há cerca de vinte anos e há três anos trabalhando na instituição de ensino Fenelon Camara como contratada, professora comprometida em colaborar com a evolução do mesmo por meio das atividades elaboradas pela mesma seguindo o parâmetro da necessidade do aluno.

3.3 INSTRUMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa foi de caráter qualitativo utilizando o questionário, sendo subdividido em duas partes perguntas abertas e fechadas tendo como objetivo compreender o processo de ensino e aprendizagem do aluno com di na sala de recursos multifuncionais e na sala regular. Segundo Gil (1999, p.128), questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

Os instrumentos utilizados nesse trabalho foram escolhidos pelo fato das pessoas analisadas sentirem mais à vontade ao responder o questionário, sem precisar responder de imediato, expressando sua opinião com mais precisão. O questionário foi estruturado a partir de perguntas fechadas e abertas, segundo Andrade (1999,p.130-131), “[...] são aquelas que indicam três ou quatro opções de respostas ou se limitam à resposta afirmativa ou negativa, e já trazem espaços destinados à marcação da escolha”. Sobre a afirmação acima a respeito das questões fechadas, essas questões são importantes, pois as respostas são mais diretas e assim a pessoa não vai sentir tanta dificuldade, sem precisar ficar elaborando respostas, um instrumento de análise de dados mais simples de forma direta.

A pergunta aberta, o professor irá responder o questionário de forma mais detalhada sobre o comportamento do aluno dentro da sala regular.

[...] as perguntas abertas dão a liberdade de resposta, proporcionam maiores informações, mas tem a desvantagem de dificultar muito a apuração dos fatos. Dificilmente perguntas abertas podem ser tabuladas e precisam ser agrupadas, por semelhanças, para serem analisadas. (ANDRADE, 1999, 130-131).

A partir daí, podemos notar que as perguntas abertas podem ser de grande valia pois nos proporciona coletar mais dados em cima da resposta da professora,

mas, por outro lado, podem dificultar na análise de dados dependendo do que a mesma venha a responder, mas as questões fechadas e abertas foram de grande importância para a nossa pesquisa, fazendo com que pudéssemos colher dados importantes e acrescentar em nosso trabalho.

A técnica de observação também foi importante para a nossa pesquisa, proporcionando um olhar diferenciado. Para Minayo (2004), compreende-se que a técnica de observação se realiza por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado e assim a observação não teve um olhar atento ao fenômeno, e sim um olhar de questionamento, tornando a observação vantajosa, então podemos dizer que essa técnica nos levou a analisar situações dentro do campo de estudo que no questionário não pudemos analisar e assim colaborou a favor de nossa pesquisa.

4 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

A primeira pergunta do questionário aplicado com a professora da sala regular com inicial G.K.F, foi sobre o comportamento do aluno em sala de aula, e a professora respondeu que o mesmo interage com outros alunos, participa das aulas ministradas e a turma o aceita com muita facilidade.

Com base nesse dado coletado, podemos citar a importância da inclusão de fato, onde as crianças com alguma deficiência interajam com crianças que estejam com desenvolvimento além, realizando a troca de saberes e experiências, onde ambos passam a aprender juntos.

Segundo Vygotsky, (1997) as crianças com deficiência, que apresentam algum tipo de necessidade educacional especial, requerem contínuos momentos de interação em seu processo de desenvolvimento. Para o autor, é importante considerar as limitações impostas pela deficiência considerando que a criança seja capaz que interajam com o meio social.

Desse modo, observamos que a conduta coletiva da criança não só ativa e desenvolve suas funções psicológicas, mas também possibilita a origem de uma forma de conduta nova. Entende-se que a coletividade é fonte de desenvolvimento das funções psicológicas superiores, em especial para a criança com deficiência intelectual, conforme destaca Vygotsky (1997).

A Interação com o outro se dá independente de ter ou não algum tipo de deficiência e em sala de aula não é diferente, pois essa interação é de grande

importância para que as barreiras e preconceitos venham ser quebrados. A convivência em sala de aula ajuda no aprendizado de todos, onde os alunos aprendem interagindo com o outro independente de suas diferenças e dificuldades.

Na 2ª questão onde é perguntado como o aluno reage quando é contrariado, a professora afirma que quando é contrariado o aluno fica com raiva mostrando em seu comportamento a agressividade.

Através de pesquisas compreendemos que o aluno mostra agressividade em situações de conflitos, usando de meios físicos para alcançar o que deseja, pois no caso da resposta da professora onde a mesma informou que seu comportamento de agressividade se dá quando é contrariado, entendemos que o aluno não goste de se sujeitar a fato que lhe contrarie, isso faz com que tenha dificuldades sociais criadas pelos comportamentos agressivos.

Segundo Ke e Liu (2015, p. 6 e 7), afirma que:

As Crianças com DI muitas vezes possuem falta de coordenação, desajeitadas ou mostrar movimentação excessiva. Movimentos sem sentido ou estereotipados (por exemplo, balançar, bater a cabeça, bater os dentes, gritar, rasgar roupas, puxar o cabelo, brincar com os órgãos genitais) são frequentes em DI grave. Comportamentos destrutivos, agressivos ou violentos também podem ser observados. Comportamento autodestrutivo (por exemplo, se auto golpear ou se morder) pode ocorrer em DI moderada e grave.

Portanto compreendemos que a deficiência moderada que é a do aluno estudado propõe esse comportamento e assim o professor deve estar atento a esse comportamento, e assim procurando métodos que ajude fazendo com que tenha um aprendizado com mais tranquilidade.

Na terceira questão, perguntamos sobre o cuidado com o material escolar, a professora informa que sim, tem bastante cuidado com seus materiais principalmente seus lápis.

Segundo a Associação Americana sobre Deficiência Intelectual do Desenvolvimento AAIDD, caracteriza-se por um funcionamento intelectual inferior à média (QI), associado a limitações adaptativas em pelo menos duas áreas de habilidades (comunicação, auto cuidado, vida no lar, adaptação social, saúde e segurança, uso de recursos da comunidade, determinação, funções acadêmicas, lazer e trabalho), que ocorrem antes dos 18 anos de idade.

Entendemos que o aluno com DI podem ter algumas limitações, no caso do aluno analisado vimos que o mesmo consegue realizar algumas atividades e que no cuidado com seus materiais é bem atencioso e cuidadoso. O professor deve estar atento para trabalhar em cima de suas dificuldades.

Para Antunes (1998),

O jogo lúdico inserido no processo ensino-aprendizagem se tornará pedagógico e deverá ser usado com rigor e cuidado no planejamento, por ser marcado por etapas muito nítidas, e que efetivamente acompanhem o progresso dos alunos. O elemento que separa um jogo pedagógico de um objeto de caráter apenas lúdico, é que os jogos ou brinquedos pedagógicos são desenvolvidos com a intenção explícita de provocar uma aprendizagem significativa, estimular a construção de um novo conhecimento e principalmente, despertar o desenvolvimento de uma habilidade operatória. (p.53).

É importante o trabalho pedagógico no avanço do conhecimento da criança, onde os professores da escola devem estar sempre observando a mesma, valorizando seus conhecimentos prévios, procurando estimular suas potencialidades e ajudar ao aluno em suas limitações. Portanto o professor deve estar sempre junto para observar o aluno colaborando para seu desenvolvimento no ambiente escolar, pois simples detalhes que foram analisados no aluno ao cuidado com o material escolar, são de grande importância no avanço de suas dificuldades, e alegria para o professor em saber que fez parte desse trabalho.

Na quarta questão foi questionado para a professora sobre a linguagem do aluno, se era compatível com a idade, a professora informou que não é compatível, pois sua linguagem é mais infantilizada.

Em análise da questão respondida acima esse fato decorre pelo aluno possuir um atraso no seu desenvolvimento cognitivo, apresentando dificuldades para aprender e realizar tarefas do dia a dia e interagir com o meio em que vive. Ou seja, existe um comprometimento cognitivo, que acontece antes dos 18 anos, e que prejudica suas habilidades adaptativas, a DI tem esse comprometimento afetando a fala do aluno e outros fatores que precisam de acompanhamento para compreender as informações passadas pela professora. Vale ressaltar, que é de grande relevância, tornar essas instituições de ensino, adaptadas e adequadas às necessidades e limitações de cada deficiência.

Segundo Piaget, o ser humano, ao nascer, possui apenas as condições biológicas necessárias para construir a sua inteligência. Em outras palavras, as estruturas sensoriais e neurológicas do organismo humano constituem uma herança específica da espécie, que impõem limitações estruturais à inteligência, facilitam ou impedem o seu funcionamento, em si. Mas a relação entre biologia e inteligência não acaba aí. Para Piaget, herdamos igualmente o funcionamento intelectual, ou seja, o modo pelo qual o sujeito, ao estabelecer trocas com o meio em que vive, constrói o conhecimento. Esse funcionamento intelectual, a que Piaget chamou de hereditariedade geral, está presente durante toda a vida e é através dele que as estruturas cognitivas vão sendo geradas e modificadas. (MANTOAN, 1989, p.129).

O aluno com DI pode ter suas limitações, mais assim como fala a citação acima o meio em que vive podem construir seus conhecimentos, o contato com o outro propõe estabelecer um aprendizado significativo onde a troca de saberes fornece a ele um melhor funcionamento da sua estrutura cognitiva.

Na quinta questão, perguntamos se o aluno realiza atividades em sala de aula, a mesma informa que o aluno faz as atividades propostas por aquele dia sempre com a ajuda da professora e quando são atividades de difícil compreensão a professora do AEE adapta para o aluno compreender.

Segundo Vygotsky, o aluno com DI tem dificuldade em construir seus conhecimentos, demonstrar suas capacidades cognitivas, principalmente se a escola possui metodologias conservadoras. Por isso, na realidade que se apresenta, a escola deve ser diferenciada para todos, isto é, se adequar as possibilidades e limitações de cada aluno, os auxiliando no processo de construção do conhecimento.

O documento do AEE no fez compreender a sala de AEE como necessária para o acompanhamento das crianças com necessidades especiais, pois a adaptação das atividades faz com que o aluno não seja excluído da sala regular dos assuntos abordados, a diferença é que vai ser de favorável para o aluno com a adaptação realizada pela professora do AEE.

O segundo questionário foi aplicado com a professora que trabalha no AEE com inicial M.J.S. Na primeira questão, perguntamos para a professora referente as expectativas em torno do desenvolvimento escolar do aluno com DI, a mesma informa que são expectativas positivas pois tem que haver persistência pois sua evolução ocorre lentamente, mas com estímulo e perseverança, o resultado é alcançado.

Os equipamentos utilizados na sala do AEE junto com a professora da área, tem o papel de colaborar com o aprendizado do aluno, que por causa da sua deficiência seu

sistema cognitivo se torna mais lento e através das atividades realizadas dentro do AEE junto com o acompanhamento constante da professora o resultado é alcançado.

Assim, podemos considerar que a Deficiência Intelectual agrega a condição de apresentar certas limitações no desempenho de tarefas, como comunicação, cuidado pessoal e de relacionamento social. Mas, o AEE tem o propósito de valorizar as potencialidades também presentes na criança com deficiência intelectual. (CRISTINA e CARON, 2015, P.110).

O aluno DI precisa de acompanhamento com professor qualificado, pois o que o aluno não consiga resolver na sala regular o aluno vai ter na sala de recursos multifuncionais, valorizando o que o aluno já saiba e propondo atividades desafiadoras para alcançar o desenvolvido que não tenha sido atingido.

A segunda questão foi relacionada ao acompanhamento do aluno com DI dentro do AEE, a mesma informou que é contínuo, pois a cada atividade pedagógica ensinada para o aluno é uma forma de acompanhamento observando sua evolução diante aos objetivos alcançados.

Em análise da resposta da professora, na Resolução nº 4, de 2009, artigo 5º do AEE, como atribuições do professor propõe estabelecer articulação com os professores da sala de aula comum, visando à disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares (BRASIL, p. 3, 2009).

A professora da sala do AEE deve caminhar junto com a sala regular, colaborando para uma aprendizagem contínua do aluno com DI.

Na terceira questão perguntamos para a professora se o aluno com DI evolui com facilidade, a mesma informa que não é uma evolução rápida.

Na perspectiva Padilha (2001, p. 135) salienta que “vencer as barreiras de sua deficiência, expandir possibilidades, diminuir limites, encontrar saídas para estar no mundo” devem ser metas no trabalho com o deficiente intelectual, pois ele deve ser educado visando sua emancipação.

O aluno com DI possui um atraso em seu sistema cognitivo, percebemos a forma mais lenta de compreender as informações, mais o professor não deve deixar essa limitação o parar e desanimar mais criar alternativas que busquem a saída para o alcance dos resultados na aprendizagem do aluno.

A quarta questão foi referente a interação do aluno com DI com outros alunos, a professora informa que ele interage com outros colegas.

Em análise, a resposta da professora onde informou que o aluno interage com ou outros colegas, na definição do contexto sobre a DI compreendemos que o aluno tem dificuldades para aprender e realizar tarefas do dia a dia e interagir com o meio em que vive.

O aluno por possuir a DI moderada, compreendemos que esse aluno consegue interagir com outros colegas na explicação sobre o Retardo mental moderado informa que o aluno pode apresentar dificuldade no relacionamento interpessoal por apresentarem dificuldade de reconhecer as convenções sociais, fato que fala que o aluno pode ter dificuldade de reconhecer mais não seja impossível interagirem com o outro.

Conceitua-se a inclusão social como o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos. (SASSAKI, 1997, p.3).

Há uma grande importância da criança DI ser inserida no convívio com a sociedade, portanto o contato com o outro promove a ela lá na frente solucionar problemas, não ficar dependente de uma pessoa, mais para isso é preciso hoje que o aluno tenha todo o acompanhamento necessário e o professor é um desses, de extrema importância para promover o desenvolvimento do cognitivo da criança DI, tanto no convívio com os colegas quando no seu dia a dia.

Na quinta pergunta do questionário, perguntamos se a aprendizagem na sala de AEE favorece para a evolução do aluno com inicial J.B.S, a professora informou que sim.

Verificando o cuidado da mesma nas atividades elaboradas para o aluno com DI, constatamos que as atividades que colaboram para o aluno são variadas, sendo atenção, percepção, compreensão, raciocínio, locomoção, atividades de forma lúdica onde os jogos são de grande importância nesse contexto de aprendizagem.

De acordo com VYGOTSKY(1998), a arte de brincar pode ajudar a criança a desenvolver-se, a comunicar-se com os que a cercam e consigo mesma. Através dos jogos e brincadeiras a criança com DI pode desenvolver a imaginação, a confiança, a autoestima, o autocontrole e a cooperação. Os jogos e brincadeiras proporcionam o

aprender fazendo, o desenvolvimento da linguagem, o senso de companheirismo e a criatividade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizarmos este trabalho de pesquisa, pudemos ver que conseguimos alcançar os nossos objetivos que era a compreensão da vida escolar e aprendizagem de um aluno com DI acompanhando um pouco o seu processo de ensino e aprendizagem com foco principal na sala de recursos multifuncionais. Após termos feito observações e coletado dados, por meio de questionário pudemos fazer uma ligação da teoria com a prática.

A pesquisa foi realizada com duas professoras que atuam na Escola Municipal de Ensino Fundamental Fenelon Câmara, no município de João Pessoa – PB.

Preenchemos este trabalho com várias propostas de atividades que podem ser desenvolvidas tanto para aluno com DI, como também, para alunos considerados normais.

Considerando esta pesquisa foi possível notar o quanto é importante para o aluno o acompanhamento do AEE para a compreensão das atividades propostas pela sala regular contribuindo e ajudando com vários benefícios no seu desenvolvimento. Observamos o uso de várias atividades lúdicas no desenvolver dos atendimentos com o aluno desta pesquisa onde vemos que o ato de brincar não é somente o brincar por brincar, mais existe o desenvolvimento das aprendizagens enquanto se brinca.

Levando em questão tudo aquilo que vimos durante nossa pesquisa, podemos afirmar que para a educação igualitária para todos é de grande relevância no âmbito escolar, não se deve fazer diferenças por conta das deficiências, pois apesar das limitações obtidas durante a vida ninguém é tido como uma pessoa incapaz de aprender, é claro que cada pessoa tem o seu ritmo de aprendizagem, mas todo ser humano é capaz de pensar, refletir e de ter o seu espaço como cidadão pensante com direitos e deveres diante da sociedade. Por isso ninguém pode ser considerado melhor ou pior que o outro.

Para que o desenvolvimento do aluno estudo seja notado ele tem que ter uma frequência escolar boa e que seja pelo menos duas vezes atendido no AEE, pois se não há um acompanhamento por profissionais capaz de identificar suas limitações e como essas barreiras podem ser quebradas pode ser que a aprendizagem venha ser dificultada para ele.

A contribuição trazida e garantida pelos órgãos que regem a educação especial não é pouca coisa. Depois que foram enxergados sobre as crianças com DI dado a eles o direito de viver como uma pessoa normal na sociedade notasse que a qualidade de vida deles tem melhorado embora ainda exista muito preconceito. É necessário lutar por um bom atendimento pedagógico escolar, e para isso é necessário que se tenha profissionais especializados capazes de fazer a diferença na vida de quem necessita. Para atuar na educação é necessário além de estudos e uma boa formação vontade de fazer a diferença na vida dos seus alunos procurando quebrar barreiras existentes e fazer com que todos se enxerguem especiais além das diferenças sociais, por isso que é muito importante abordarmos sobre a inclusão social que seja trabalhado em sala de aula para que ninguém seja excluído do meio social e tenha deixar de estudar ou de viver em sociedade que é direito de todos.

O trabalho com alunos com DI, como em qualquer outra situação de ensino, requer do profissional muita dedicação, paciência e amor pelo seu trabalho. Seus objetivos e metas devem convergir para que sejam alcançados e façam a diferença na vida de quem precisa. Apesar de serem poucos os momentos de atendimento na sala de recursos multifuncionais da escola, foi possível ver que o aluno estudado depois que chegou à escola, conseguiu se desenvolver muito bem e que esse serviço tem sido um diferencial na vida dele. A professora da sala regular por não ter tanta experiência com a dificuldade apresentada pelo seu aluno, pode sentir um pouco de dificuldade para fazer com que ele aprenda, mas a partir do momento que se articular com a outra professora, o conhecimento das duas poderá encontrar o caminho para valorizar todas as suas potencialidades. .

Finalizamos este trabalho com o sentimento de termos conseguido entender como o aluno com DI pode desenvolver seu aprendizado. Foi fundamental o que estudamos de teoria durante o curso e o que presenciamos nos estágios, para que esse entendimento pudesse acontecer. O caminho percorrido até aqui foi cheio de obstáculos os quais foram ultrapassados a cada semestre e nos fizeram amadurecer e estarmos preparadas para enfrentar os desafios da nossa profissão.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução a metodologia do trabalho científico**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ANTUNES, Celso. Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências. Petrópolis: Vozes, 1998.

BUZZELLI, Dayane. MARILDA, Sierra. **A educação de pessoas com deficiência intelectual: aprendizagem promove desenvolvimento**. Revista educação em questão, Natal, v. 40, n. 26, p. 128-150, jan./jun.2011 Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4043/3310>> Acesso em 03/11/2017

CARVALHO Rosita Edler. 1997. A nova LDB e a educação especial. Rio de Janeiro: WVA. _____. 1998. **A escola como espaço inclusivo**. In. IV Congresso de Educação de Presidente Prudente, Revista de anais. Presidente Prudente.

Centro educacional reeducar Disponível em: <http://edespecial-neuropsicopedagogia.blogspot.com.br>.

COELHO e PISIONI. **Vygotsky: sua teoria e a influência na educação**. **Revista a e - Ped – FACOS / CNECOS ório Vol. 2 – N° 1 – AGO / 2012 – ISSN 2237-7077**. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/242991329/Vygotsky-Sua-Teoria-e-a-Influencia-Na-Educacao>> Acesso em 03/ 11 /2017.

CORRÊA, Sônia Regina. **O lúdico e o desenvolvimento da criança deficiente intelectual**. 2008, Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portais/pde/arquivos/2444-6.pdf>. Acesso em 10 de Nov de 2017.

CRISTINA Izabel, CARON. Lurdes. 2015. Educação inclusiva: compartilhando saberes e fazeres. São José, SC.

Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. **Quais são os direitos de crianças com necessidades especiais?** Disponível em: <http://desenvolvimento-infantil.blog.br/quais-sao-os-direitos-de-criancas-com-necessidades-especiais/> Acesso em 11/06/2018

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, et al. **Atendimento Educacional Especializado – Deficiência Mental**. SEEP/SEED/MEC. Brasília/DF, 2007.

Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae_ead.pdf. Acesso em 18/11/2017.

HISTÓRIA, DEFICIÊNCIA E EDUCAÇÃO ESPECIAL Disponível em: <http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2014/09/INCLUS%C3%83O-DEFICENCIA-E-EDUCA%C3%87%C3%83O-ESPECIAL.pdf> Acesso em 11 06 2018

HONORA M.; FRIZANCO M. L. Esclarecendo as deficiências: aspectos teóricos e práticos para contribuir com uma sociedade inclusiva. Barueri: Ciranda Cultural, 2008.

IDE, Sahda Marta. O jogo e o fracasso escolar. In: KISHIMOTO, Tisuko M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 89-107
FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. São Paulo: Atlas, 1993.

JANNUZZI, G. **A luta pela educação do deficiente mental no Brasil**. Campinas/SP: Editores Associados, 1992.

Ke X, Liu J. **Deficiência Intelectual**. In Rey JM (ed), IACAPAP e-Textbook of Child and Adolescent Mental Health. (edição em Português; Dias Silva F, ed). Genebra: International Association for Child and Adolescent Psychiatry and Allied Professions 2015.

LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 **LEI Nº 9394/96 – LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL – 1996** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn2.pdf> 02-05-2018 às 20:16

MALHEIROS, Márcia Rita Trindade Leite. **Pesquisa na Graduação**. Disponível em: <www.profwillian.com/_diversos/download/prof/marciarita/Pesquisa_na_Graduacao.pdf>. Acesso em: 27/04/2017

Maria Cecilia Souto Vidigal. **Quais são os direitos de crianças com necessidades especiais?** Disponível em: <<http://desenvolvimento-infantil.blog.br/quais-sao-os-direitos-de-criancas-com-necessidades-especiais/>> Acesso em 11/06/2018

MANTOAN M. T. E., **Compreendendo a deficiência mental: novos caminhos educacionais**. Scipione, 1989.

MARTINS, Joel & BUCUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A Pesquisa Qualitativa em Psicologia Fundamentos e Recursos Básicos** – 2. Ed. – São Paulo: Moraes, 1994.

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1996.

MENDES, E. G. **Deficiência mental: a construção científica de um conceito e a realidade educacional**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995.

MYNAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais).

Ministério da Educação Secretaria de Educação Especial. **DIRETRIZES OPERACIONAIS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL PARA O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NA EDUCAÇÃO BÁSICA**. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192Acesso 02-05-2018 às 20:23

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA RESOLUÇÃO Nº 4, DE 2 DE OUTUBRO DE 2009 (*)
Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial.(BRASIL, 2009).

Ministério da Educação.http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee_ead.pdf.
Atendimento Educacional Especializado. Acesso em 18/11/2017

Moreira, Marcos Antonio. **teorias de Aprendizagem**. São Paulo: EPU.(1999).

PADILHA, A. M. **O que fazer para não excluir**. In: GOÉS, M. R.; LAPLANG, A. F. Políticas e práticas de educação inclusiva. São Paulo: Autores Associados, 2001.

PESSOTI, Isaias. Deficiência mental da superstição à ciência. São Paulo:EDUSP,1984.204 p. <http://www.apaesp.org.br/pt-br/sobre-deficiencia-intelectual/Paginas/o-que-e.aspx> O que é a deficiência intelectual. Acesso em 23/11/2017

CORRÊA, Sônia Regina.**O lúdico e o desenvolvimento da criança deficiente intelectual**.2008,Disponível em
:<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portais/pde/arquivos/2444-6.pdf>.Acesso em 10 de Nov de 2017.

REGO, Cristina Tereza. VYGOTSKY. Petrópolis: Vozes, 1994.

SASSAKI R. S., **Inclusão da pessoa com deficiência no mercado de trabalho**. São Paulo: Prodef, 1997.

Significado de ECA. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/eca/>> Acesso 30/04/2018 às 10:28

SILVA, Martim. 1984. construção de um conceito: da deficiência mental à deficiência intelectual. Acesso em 9/11/2017.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educacionais especiais**. Brasília: CORDE, 1994.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 5. ed.São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

YUS, R. **Educação especial holística para o século XXI**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO DA PROFESSORA DA SALA REGULAR

- 1) Como é o comportamento do aluno em sala de aula?
- 2) Como o aluno reage quando é contrariado?
- 3) O aluno cuida dos materiais escolares?
- 4) O aluno apresenta uma linguagem compatível com a sua idade?
- 5) O aluno realiza atividades em sala?

APÊNDICE B**QUESTIONÁRIO DA PROFESSORA DO AEE**

- 1) Os alunos com DI interagem com outros alunos?
 - a) Sim ()
 - b) Não ()
 - c) Às vezes ()

- 2) Todos os métodos de aprendizagem para os alunos com DI favorecem para sua evolução?
 - a) Sim ()
 - b) Não ()
 - c) Às vezes ()

- 3) Os alunos conseguem evoluir rapidamente através do AEE?
 - a) Sim ()
 - b) Não ()
 - c) Às vezes ()

- 4) O acompanhamento para os alunos com DI precisa ser contínuo?
 - a) Sim ()
 - b) Não ()
 - c) As vezes ()

